

LISBOA
ROMANA FELICITAS IULIA OLISIPO

A cidade produtora (e consumidora)

CARLOS FABIÃO
CRISTINA NOZES
GUILHERME CARDOSO
Coordenação Científica



calei
do sc
ópio



LISBOA

ROMANA  FELICITAS IULIA OLISIPO

A cidade produtora (e consumidora)

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

A cidade produtora (e consumidora)

CARLOS FABIÃO
CRISTINA NOZES
GUILHERME CARDOSO

Coordenação Científica

AMÍLCAR GUERRA
ANA BEATRIZ SANTOS
ANA CATARINA SOUSA
ANA CRISTINA FARINHA
ANDREIA CONCEIÇÃO
ANTÓNIO FIALHO
ANTÓNIO GONZALEZ
ARTUR ROCHA
CARLOS COSTA
CARLOS FABIÃO
CARLOS MARQUES DA SILVA
CARLOS PEREIRA
CAROLINA GRILO
CATARINA VIEGAS
CÉZER SANTOS
CLEIA DETRY
CRISTINA NOZES
EVA LEITÃO

GISELA ENCARNAÇÃO
GRAÇA CRAVINHO
GUILHERME CARDOSO
ISABEL CRISTINA F. FERNANDES
JOÃO PIMENTA
JORGE RAPOSO
JOSÉ CARLOS QUARESMA
LUÍS FERREIRA
LUÍSA BATALHA
MARTA MIRANDA
MICHELLE TEIXEIRA SANTOS
MIGUEL CORREIA
NOÉ CONEJO DELGADO
RUI ALMEIDA
SEVERINO RODRIGUES
SÓNIA GABRIEL
VANESSA DIAS
VICTOR FILIPE

Sumário

6 **Apresentação**

8 **Nota Introdutória**

Parte I

13 ***Felicitas Iulia Olisipo* uma cidade produtora (e consumidora)**

CARLOS FABIÃO

25 **A produção de preparados piscícolas**

CARLOS FABIÃO

37 **As primeiras conservas de sardinha de Lisboa**

SÓNIA GABRIEL

47 **Animais em Lisboa no período Romano: o que dizem os ossos**

CLEIA DETRY
ANA BEATRIZ SANTOS

63 **O fabrico de ânforas no estuário do Tejo**

CARLOS FABIÃO

73 **O vinho Olisiponense no contexto da Lusitânia**

CARLOS FABIÃO

87 **O cavalo na Lisboa Romana**

CLEIA DETRY
CARLOS FABIÃO

92 **Gaio Apuleio Diocles, Lusitano, o mais famoso auriga de todos os tempos**

AMÍLCAR GUERRA

95 **Produção local e de grande circulação. Objetos e estética**

CATARINA VIEGAS
CAROLINA GRILLO

113 **Importação de alimentos**

VICTOR FILIPE
JOÃO PIMENTA
RUI ALMEIDA

127 **Rotas comerciais (comércio interno e externo)**

CATARINA VIEGAS
VICTOR FILIPE
JOÃO PIMENTA

Parte II

141 **O *Ager Olisiponensis*: matérias-primas e produtos**

GUILHERME CARDOSO
CRISTINA NOZES

153 **A Ocupação Romana no Município de Mafra**

MARTA MIRANDA
CARLOS PEREIRA
ANA CATARINA SOUSA
CARLOS COSTA

167 **O sítio romano das Almoínhas (Lisboa, Loures) e o *case study* “Loures nos séculos XIV e XV”**

ANA CRISTINA FARINHA

181 **Almoínhas, na periferia de *Olisipo*: produção regional de Imitações de Engobe Vermelho não vitrificado (IEV) entre 190+ e 500+ d.C.**

JOSÉ CARLOS QUARESMA

189 ***Villa* Romana da Quinta da Bolacha (Amadora): uma importante estratigrafia para o comércio da península de Lisboa entre o último quartel do século III e o primeiro quartel do século VI d.C.**

JOSÉ CARLOS QUARESMA
NOÉ CONEJO DELGADO
GISELA ENCARNÇÃO
VANESSA DIAS

203 **A Calcedónia no Mundo Romano e a sua provável exploração na Falagueira, Amadora**

GRAÇA CRAVINHO
ANTÓNIO GONZALEZ

213 **Um tesouro na serra? Estudo de um conjunto peculiar da Serra de Carnaxide – via F, Amadora**

NOÉ CONEJO DELGADO
GISELA ENCARNÇÃO
VANESSA DIAS

225	A unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém (atual Hotel Palácio do Governador), em Belém (CNS 18071) CARLOS FABIÃO	308	Referências
235	Cetárias romanas de Cascais – Produções para <i>Olisipo</i> SEVERINO RODRIGUES	333	Lista de Autores
243	Achados Romanos no mar de Cascais ANTÓNIO FIALHO		
249	Olaria Romana na Margem Sul do Estuário do Tejo: ateliês e produções JORGE RAPOSO MIGUEL CORREIA MICHELLE TEIXEIRA SANTOS CÉZER SANTOS		
259	A Exploração Aurífera na Margem Sul: As galerias de Vale de Gatos e Silha do Alferes II (Seixal) CÉZER SANTOS JORGE RAPOSO CARLOS MARQUES DA SILVA		
269	Vestígios Romanos nos Territórios de Barreiro e Moita ANTÓNIO GONZALEZ LUÍSA BATALHA GUILHERME CARDOSO		
275	Indicadores do período romano em Palmela: Castelo e Alto da Queimada ISABEL CRISTINA F. FERNANDES MICHELLE TEIXEIRA SANTOS		
285	O <i>territori cempresicum</i> nas dinâmicas económicas costeiras LUÍS FERREIRA ANDREIA CONCEIÇÃO		
297	Exploração de rochas construtivas e ornamentais em época romana no <i>ager Olisiponensis</i> EVA LEITÃO GUILHERME CARDOSO		

Produção local e de grande circulação. Objetos e estética

CATARINA VIEGAS
CAROLINA GRILO

Aspetos introdutórios. Cidade consumidora *versus* cidade produtora

O processo de urbanização que se seguiu à organização territorial da província romana da Lusitânia realizada por Augusto levou ao desenvolvimento das cidades. Após a consolidação do território assistiu-se à transformação do espaço urbano que se romaniza seguindo os modelos da metrópole ou da capital da província, Mérida. Apesar dos grandes avanços que o conhecimento da cidade de *Olisipo* tem registado nos últimos anos, fruto das intervenções arqueológicas em solo urbano no quadro da arqueologia preventiva, persistem ainda interrogações e lacunas no nosso conhecimento sobre aspetos como a estrutura viária, a organização e articulação funcional dos distintos espaços domésticos e artesanais, sendo igualmente desconhecida a localização do centro cívico da cidade (*forum*) ou ainda o traçado completo da sua muralha, como em outros volumes desta série se tratou.

Entendida tradicionalmente como cidade consumidora, a perspectiva de abordagem à cidade antiga tem vindo a sofrer alterações e tem-se vindo progressivamente a valorizar os aspetos ligados à produção artesanal e manufatura, assim como o seu papel enquanto mercado / polo comercial. Assim, estas cidades além de consumidoras e importadoras

seriam igualmente produtoras de alimentos e de produtos manufaturados destinados ao seu abastecimento direto e nalguns casos também orientados para a exportação para outras províncias do império. Neste contexto, além das estruturas relacionadas com a produção propriamente dita, seria expectável encontrar estruturas relacionadas com as operações comerciais, com o armazenamento, transporte e venda.

É nesta perspectiva que se irá procurar abordar, por um lado, as evidências relacionadas com a produção artesanal de *Olisipo*, destacando igualmente, por outro lado, o conjunto de produtos manufaturados que chegaram ao porto da cidade. Neste enquadramento parece mais adequado que se entenda a cidade na sua relação direta (podemos arriscar recíproca?) com o seu território envolvente. Atendendo não apenas ao núcleo urbano propriamente dito, contido nos limites da muralha, procurando compreender as interações que se geraram com as áreas suburbanas no seu entorno imediato mas também com o território do *ager*.

Estruturas produtivas, comerciais e portuárias em *Olisipo*: evidências, problemas e perspectivas

Dos vários aspetos de que se revestiu a produção artesanal em época romana, os que melhor conhecemos correspondem às produções de cerâmica de uso doméstico (cerâmica comum) e de contentores anfóricos, centrando-se nos primeiros séculos do Principado e desenvolvendo-se ainda durante a Antiguidade Tardia. Estas atividades, como se verá *infra*, localizaram-se fora da área da cidade.

A produção de alimentos como é o caso dos preparados piscícolas terá tido um papel essencial na economia da cidade como fica demonstrado pela elevada quantidade de unidades que salpicam toda a área da atual baixa pombalina. Sobre o aproveitamento dos recursos marinhos e atividades a eles associadas remete-se para outros textos deste volume. Por outro lado, a produção/transformação de produtos alimentares como o vinho e o azeite encontra-se atestada em estruturas recuperadas na Rua de S. Marta, n.º 25-25A e Rua Rodrigues Sampaio, n.º 48, dirigidos por A. Rocha em 2011. Trata-se de restos de edifícios que poderão ter pertencido a uma *villa* do entorno imediato de *Olisipo* (v. texto do presente volume).

Numa cidade com as características de *Olisipo* seria de esperar encontrar igualmente um conjunto de outros testemunhos ligados à produção de um conjunto muito diversificado de bens de que não foi possível (ainda) encontrar testemunho. Conhecemos a sua existência através das referências das fontes literárias e também dos dados arqueológicos recuperados em núcleos urbanos onde estas estruturas artesanais se preservaram. Além dos exemplos pompeianos, as mais recentes linhas de investigação que se dedicam ao estudo da “arqueologia

da produção” têm vindo a chamar a atenção para estas estruturas, destacando-se na Lusitânia, alguns exemplos de Mérida (Bustamante, 2013). Referimo-nos a um conjunto de atividades artesanais que podem corresponder ao processamento das matérias-primas e/ou ao trabalho artesanal. Deveria existir em *Olisipo*, por exemplo, um conjunto de estruturas ligadas ao processamento dos têxteis como o tratamento e lavagem das lãs (*officina lanificaria*). Neste caso, na ausência de testemunhos diretos, torna-se importante valorizar a presença de ânforas que transportaram para Lisboa o alúmen, procedente do Sul de Itália, da ilha de Lipari (Almeida e Filipe, 2013; Filipe, 2015; Filipe, 2018). Estas ânforas (do tipo Richborough 527) têm sido recolhidas em diversos contextos na cidade, sempre em quantidades relativamente reduzidas, sendo o alúmen um sulfato de alumínio e metais alcalinos que teria sido utilizado na preparação e tinturaria de lãs.

Poderemos supor que algumas destas indústrias e serviços se terão localizado no exterior da cidade, na proximidade do rio Tejo ou junto às ribeiras que terão existido, não só pela grande necessidade de água que algumas destas atividades exigiam, mas também pela facilidade de descartar para o rio os detritos delas resultantes.

A produção de objetos em vidro, metal, pequenas oficinas de talhe de osso, ou de ourivesaria, correspondem a outras tantas atividades que se poderia esperar encontrar na cidade, sendo ainda mais difíceis de recuperar no registo arqueológico os trabalhos ligados a outros materiais perecíveis como o couro, a madeira ou a cestaria. Os vestígios arqueológicos apontam ainda para a existência de pinturas murais (estuques pintados e frescos) normalmente recuperados em fragmentos em vários contextos da cidade. Esta atividade implicaria, além de artesãos especialmente vocacionados para trabalhos ligados aos programas decorativos das casas, a

necessidade da preparação de tintas a partir de diferentes tipos de pigmentos. A escultura e os elementos arquitetônicos em diferentes tipos de pedra (mas sobretudo em mármore), desde as simples placas de revestimento para pavimentos, até aos capitéis e pilastras decorados poderiam ser igualmente invocados, neste caso em contextos de produção artesanal itinerante com uma relação direta com atividades extrativas. A difusão de gramáticas decorativas a partir da capital emeritense tem sido evidenciada (Fernandes, 2012). Igualmente integráveis nesta economia da construção, além da cerâmica de construção (aspecto que será desenvolvido *infra*), não foi possível localizar até ao momento os fornos destinados à produção de cal, essenciais para a obtenção de argamassas sólidas como as que se conhecem em época romana. Também no caso do revestimento de pavimentos com mosaico, a atividade poderia estar a cargo de mosaicistas integrados em oficinas itinerantes. Com a riqueza epigráfica de Lisboa e do seu território deveria existir uma ou mais oficinas lapidárias (Ribeiro 1982-83; Guerra, 2006, com bibliografia anterior).

Das estruturas ligadas ao comércio e armazenamento de produtos manufaturados, alimentos ou matérias-primas pouco ou nada sabemos. Numa intervenção arqueológica realizada em 2011 na esquina da Rua de S. Julião com a Rua da Madalena, (n.ºs 62-70) foi identificada uma estrutura que os arqueólogos interpretaram como tendo pertencido a um armazém de ânforas destinadas ao transporte de preparados piscícolas (Amaro, Manso, e Sepúlveda, 2013). Corresponde a um compartimento onde se recuperaram ânforas quase completas que estariam encostadas a uma parede. A sua proximidade relativamente às unidades de preparados piscícolas aponta para estruturas de armazenamento de apoio à atividade de produção de preparados piscícolas e terão sido abandonadas no século V (Amaro, Manso e Sepúlveda, 2013).

Para conhecermos os locais onde se desenvolveram as atividades comerciais seria essencial localizar as *tabernae*. Estas corresponderiam a compartimentos únicos ou com outras divisões anexas com abertura direta para as vias de circulação. Encontrando-se integradas na malha urbana, estavam frequentemente em relação direta com as áreas domésticas (*domus* ou *insulae*). Nas escavações realizadas em 1993 no Claustro da Sé identificou-se um troço de uma via pedonal com dois compartimentos com acesso direto para a rua, tendo um deles sido interpretado como ‘*taberna* ou casa de comércio’ (Matos, 1994; Amaro, 2001).

Os vestígios do que terá sido o porto da cidade não são conhecidos, ainda que recentemente se tenha proposto que o cripto-pórtico da R. da Prata correspondesse às fundações de um edifício de banhos ligado à estrutura portuária da cidade (Caessa, Mota e Martins, 2020). Mas não podemos esquecer que a ampla frente ribeirinha potenciou a existência de vários locais que podem ter servido de áreas de fundeadoiro, como a que se conhece no subsolo da Praça D. Luís, neste caso já fora dos limites da cidade (Parreira e Macedo, 2013).

Além das estruturas portuárias propriamente ditas devem ter existido também *horrea*, ou seja, grandes edifícios destinados ao armazenamento de produtos importados (produtos alimentares transportados em ânforas, matérias-primas, produtos manufaturados, etc.). Estes edifícios corresponderiam a um equipamento da maior relevância numa cidade como *Olisipo* dada a sua localização estratégica no estuário do Tejo e com fácil acesso ao Mediterrâneo e ao Atlântico. Estas estruturas podem ter tido um papel importante logo nas etapas iniciais ligadas à conquista militar por se constituírem como elementos chave no abastecimento ao exército, tendo posteriormente evoluído para áreas de armazenamento de produtos importados

das várias províncias de todo o império. Neste caso, poderia esperar-se encontrar estruturas desta natureza no período republicano na área do castelo de S. Jorge e posteriormente muito possivelmente junto à frente ribeirinha. Recentemente foi sugerida uma função de armazenamento para a edificação romana republicana identificada nos contextos escavados no Beco do Forno do Castelo (Pimenta *et al.*, 2014).

A produção cerâmica na região de *Olisipo*

A par com a intensa atividade industrial e transformadora, a região de *Olisipo* e do vale do Tejo foi um importante centro de produção oleira. Como já foi mencionado, o entorno do estuário dispunha dos recursos para o desenvolvimento desta atividade, desde as argilas necessárias ao fabrico dos contentores cerâmicos, a abundância de água doce para as diferentes fases e processos da produção oleira ou os recursos vegetais necessários para o abastecimento dos fornos, assim como o acesso das matérias-primas e o escoamento dos produtos entre as diferentes margens do rio e o seu território.

Na região são conhecidas diversas olarias que produziram contentores anfóricos e cerâmicas comuns, cuja produção teria lugar em ambientes controlados sem características técnicas muito complexas (Fabião, 2004) – veja-se o texto sobre as olarias do Porto dos Cacos e Quinta do Rouxinol neste volume. Possuem em comum a presença de estruturas relacionadas com as diferentes fases da produção oleira, fornos de tipologias semelhantes e uma localização na orla do estuário, para o aprovisionamento e escoamento das matérias-primas e produtos. Distribuídos no seu entorno, funcionam numa estreita relação com o desenvolvimento da indústria de preparados piscícolas e numa resposta

às suas necessidades produtivas, possuindo ainda um papel importante na redistribuição e consumo das cerâmicas comuns. O funcionamento destas olarias não terá ocorrido em simultâneo, mas muito provavelmente, num processo gradual, articulado às leis da oferta e da procura dos mercados, locais, regionais e de exportação. Apenas alguns destes locais foram objeto de intervenção arqueológica, conhecendo-se somente uma pequena parte das suas estruturas produtivas. À data, o início da laboração nestes complexos está documentado a partir da segunda metade do século I d.C., em locais como a olaria da Garrocheira, Benavente (Amaro e Gonçalves, 2016) cessando em finais do século II, inícios do século III (*Idem*, 2016); no grande centro do Porto dos Cacos, em Alcochete, que parece produzir de forma intensiva ao longo de todo o Império (Fabião, 2004) e na Quinta do Rouxinol, Seixal, cuja laboração parece apenas iniciar-se na segunda metade do século II (Santos *et al.*, 2015). Subsistem evidências de estruturas oleiras noutros locais como Vale da Palha, Olho da Telha, Palmela, ou Porto Sabugueiro, Muge (Raposo e Duarte, 1996; Cardoso e Rodrigues, 1996; Fabião, 2004; Raposo, 2017), também localizados na orla estuarina ou na sua dependência, contudo, estes nunca foram objeto de trabalhos arqueológicos.

Já para a cidade não são conhecidas quaisquer olarias para o período que medeia o nosso estudo. Apesar de alguns materiais permitirem sugerir a existência de eventuais estruturas relacionadas com a produção cerâmica em área urbana, apenas em momentos posteriores à ocupação romana alguns locais serão consagrados a tal atividade (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2007). Contudo, no seu entorno mais próximo, a área expectável para a localização de estruturas oleiras de produção em larga escala essenciais ao abastecimento da cidade, começam a ser registados fornos destinados à produção de materiais de construção, tijolos (*lateræ*) e

telhas (*imbrices* e *tegulae*), como o forno do Paço do Lumiar (Silva, 2018), sendo provável que outros possam vir a ser futuramente identificados. Ao longo da margem norte do Tejo estruturas similares estão reconhecidas na zona do vale da Ribeira Grande da Pipa (Sabrosa *et al.*, 2012; Pinto, 2012), cuja produção parece ter sido orientada maioritariamente para materiais de construção e recipientes de armazenagem, situadas nas proximidades de algumas das *villae* daquele território, sugerindo uma estreita relação entre estes espaços e aquelas unidades produtoras. Uma mesma articulação foi também observada na *villa/vicus* das Almoínhas, na Ribeira de Loures, onde foram identificados três fornos de menores dimensões, destinados à produção de cerâmica comum associados à *pars rustica* do local (Silva, 2007). Por outro lado, sítios produtores de ânforas e cerâmica comum produziram igualmente materiais de construção (sobretudo telha curva, *imbrex*), como sucedeu na Quinta do Rouxinol (Duarte, 1990; Santos 2011). É pois provável que o desenvolvimento da investigação permita alargar o conhecimento da rede de estruturas desta natureza e dos seus modelos e mecanismos de exploração considerando a importância desta indústria quer para as atividades exportadoras da cidade e do seu território como para o abastecimento da região.

Produções Regionais de cerâmica de uso doméstico

São escassas as informações sobre as cerâmicas produzidas localmente à chegada dos romanos no contexto da ocupação militar que terá tido lugar em torno a 138 a.C. Sabemos, contudo, que este é um momento marcado pela coexistência de formas de tradição indígena, entre as quais cerâmicas cinzentas com decoração polida, com os novos repertórios

importados (Pimenta, 2005; Pimenta *et al.*, 2014) (FIG. 1) que gradualmente se traduzem na adoção de novos hábitos alimentares e culturais por parte das comunidades da região. Estas novas formas e modos de comer e beber não significam o desaparecimento imediato de uma tradição oleira anterior, mas antes uma reconversão e uma etapa de experimentação ainda mal conhecida na região, sendo certo que algumas destas cerâmicas de tradição pré-romana continuam a marcar presença no registo arqueológico da cidade e do seu território ainda em contextos de época imperial (Bugalhão *et al.*, 2013; Pimenta *et al.*, 2014; Silva, 2015 a e b).

Deste processo resultou igualmente o desenvolvimento e aperfeiçoamento técnico da produção oleira que se torna mais estandardizada conferindo características específicas às cerâmicas da região. Não possuímos evidências para definir os seus momentos iniciais, mas à semelhança das ânforas que terão sido produzidas ainda em época tardo-republicana (Morais e Fabião, 2007; Pimenta, 2017) em locais desconhecidos e sem correspondência com os centros oleiros identificados, também a produção de cerâmicas comuns terá começado numa etapa precoce. A caracterização destas cerâmicas beneficiou em larga medida dos estudos anfóricos e dos dados obtidos com as análises realizadas no âmbito do projeto OREST – olaria romana do vale do Tejo (Raposo *et al.*, 2005), registando em traços gerais, pastas conformadas em argilas não calcárias, de cozeduras maioritariamente oxidantes, com tonalidades beges alaranjadas a vermelhas e acastanhadas e inclusões de quartzo e quartzito, micas e elementos ferruginosos, variáveis em dimensão e quantidade, relacionadas com as funções às quais os recipientes se destinavam: mais cuidadas e depuradas nos casos dos recipientes destinados à mesa e por norma mais grosseiras, nos recipientes destinados a outras atividades. Reconhecem-se também



FIG. 1
Cerâmica comum de pasta cinzenta com decoração polida de tradição indígena do sítio do Beco do Forno do Castelo (segundo Pimenta *et al.*, 2014, adaptado).

em menor escala produções de características distintas, com processos produtivos diferenciados, por vezes diretamente arrolados ao desempenho de determinadas funções ou a momentos cronológicos específicos.

Como o próprio nome indica, as cerâmicas comuns destinavam-se às atividades quotidianas, elencando uma gama de recipientes de grande versatilidade, adaptada a diferentes contextos e funções, desde a alimentação, a cozinha, a preparação e o consumo de alimentos, passando pela higiene e a limpeza ou outras funções específicas, como práticas de cariz ritual e funerário, até à produção de objetos e recipientes relacionados com as indústrias transformadoras da região. As formas adequadas a esta diversidade de funções eram

produzidas de modo continuado nas olarias da região, quer na zona do estuário, a par com as ânforas, como em outros locais ainda por identificar, registando poucas alterações ao longo dos séculos e tornando difícil a sua seriação cronológica. Talvez por estes fatores apenas recentemente começaram a ser objeto de maior interesse por parte da investigação, e, a partir do estudo monográfico da olaria da Quinta do Rouxinol (Santos, 2011) e de diferentes contextos de consumo de *Olisipo* (Filipe *et al.*, 2010; Grilo, 2014, 2016, 2020; Silva, 2015 a e b; Silva *et al.*, 2015, 2016; Mota *et al.*, 2016-17; Quaresma, 2020) e do seu território (Cardoso, 2002; Quaresma, 2014; Grilo e Santos, 2016-17; Silva, 2017; Figueira, 2018) o seu repertório começa hoje a ser conhecido.



FIG. 2
Cerâmica comum do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (créditos fotográficos: Carolina Grilo).

Entre as suas formas reconhecem-se recipientes destinados à confecção de alimentos e à cozinha: os potes/panelas e tachos, com uma gama variada de bordos e perfis destinados a cozer/guisar; pratos, caçoilas e pratos covos/frigideiras, menos profundos e de maior diâmetro para refogar/fritar; alguidares e bacias para lavar, demolhar ou processar, assim como almofarizes para moer e triturar (FIG. 2).

Das formas destinadas à mesa, destacam-se os pratos, as tigelas, os jarros, os coadores, as garrafas, as bilhas, os potinhos, os púcaros e os copos, exibindo diferentes perfis e acabamentos, por norma mais cuidados, com recurso a diferentes acabamentos: polimento ou a aplicação de engobes, num universo

decorativo relacionado com as modas e gostos do Império, com o recurso a diferentes técnicas, a roleta, a incisão ou a pintura, motivos mais em voga nas cerâmicas finas nos momentos iniciais do Império ou as gramáticas decorativas incisas ou pintadas, por vezes combinadas ou as aplicações plásticas e as impressões ou estampilhas em momentos mais tardios (Grilo, 2020).

Desta panóplia de formas constam igualmente os recipientes de armazenamento e de grande capacidade, *dolia* (talhas) ou os grandes potes, bem como os objetos utilizados nas múltiplas atividades industriais ou artesanais da região, as cerâmicas de construção e de revestimento, os pesos de rede e de tear associados à pesca e à produção têxtil, objetos

lúdicos e rituais como os brinquedos, as estatuetas (Cardoso, Encarnação, 1990, fig. 15) ou as máscaras (*Idem*, 1990, fig. 14), assim como um vasto leque de recipientes com funções específicas documentados no registo arqueológico da cidade e do seu território e utilizados para diversos fins: os funis e coadores, também associados aos contextos industriais de preparação de preparados piscícolas (Grilo, 2016), os potes meleiros ou os vasos para a contenção de líquidos nobres, são alguns dos muitos recipientes que eram produzidos e consumidos regionalmente, presentes quer em algumas das olarias da região (Santos, 2011) quer nos locais de consumo (Grilo e Santos, 2016-17; Mota *et al.*, 2016-17). É também de assinalar a produção de lucernas e cerâmicas de iluminação, reconhecida nos momentos finais do império (Diogo e Sepúlveda, 2000) e hoje comprovada desde os finais do século I e inícios do II d.C. (Vieira, 2011; Grilo, 2013; Pereira, 2013), através da presença de moldes de fabrico e de exemplares com pastas de características locais, que gradualmente parece generalizar-se, chegando mesmo a fazer parte das produções de algumas olarias conhecidas (Santos, 2011).

Imitações locais das cerâmicas de grande circulação

Ao longo dos séculos do domínio romano é notória a influência das diferentes cerâmicas e técnicas importadas na produção oleira regional. Se por um lado esta se destaca pela capacidade que os artesãos passam a ter para produzir localmente cerâmicas antes importadas ou por uma maior diversidade de combinações decorativas no seio de determinadas formas, concebendo produtos inovadores e mais competitivos para os mercados regionais, por outro lado, há que reforçar que a produção local, por razões relacionadas com

os custos de produção, distribuição e aquisição é sempre largamente dominante nos mercados locais e regionais.

Durante a República e o Principado é possível observar uma influência continuada das cerâmicas importadas da Península Itálica e da Bética na olaria da região, que, como foi referido, chegam à cidade através dos circuitos comerciais e de bens alimentares dominantes, sempre em percentagens reduzidas. Algumas das suas formas são rapidamente reproduzidas e incorporadas no repertório regional: os pratos (*patinæ*) e os tachos (*caccabus*), de perfis direitos e em aba horizontal, mais aproximados aos modelos itálicos; os potes/panelas de bordo contracurvado e estrangulado, inicialmente importados da Bética e já registados na produção local/regional a partir de meados do século I d.C. (Silva, 2015b), tal como os almofarizes, uma das formas de maior sucesso na região, cuja produção a nível local parece ocorrer sensivelmente a partir da mesma altura, muito possivelmente como resposta a uma procura crescente nos mercados locais.

Entre os séculos III e V ou mesmo ainda nos inícios do século VI, são as produções africanas e orientais que dominam os mercados e as cerâmicas comuns da região também acusam essa influência nas formas destinadas à mesa (pratos e tigelas) e à confeção de alimentos, reproduzindo e adaptando ao universo local algumas séries de cerâmicas de cozinha africana, também elas indicadoras de novas formas de cozinhar. Em simultâneo, assiste-se a uma maior estilização formal de alguns recipientes agora com perfis mais simples e modulares e o desenvolvimento de outros, sem paralelos anteriores na olaria regional, demonstrando a vitalidade desta atividade (Grilo, 2016; Grilo e Santos, 2016-17), assim como o aparecimento pontual de produções cerâmicas conformadas manualmente ou a torno lento, com pastas mais friáveis e formas de menores

dimensões, recorrendo a novos esquemas decorativos (aplicações plásticas, decorações a pente ou incisas) em momentos tardios.

Algumas cerâmicas chegam mesmo a definir produções próprias, quer pelas suas características tecnológicas, como pelos seus atributos formais e estilísticos (Grilo, 2020), integrando uma corrente imitativa de cerâmicas finas que replica os modelos das cerâmicas de verniz negro tardo-republicanas e de algumas séries de *sigillata* itálicas e, em momentos mais tardios, as cerâmicas de imitação de *sigillata*.

As primeiras fazem parte de um conjunto de cerâmicas cinzentas que estão documentadas na região desde o período republicano, sempre em número muito reduzido (Bugalhão *et al.*, 2013; Pimenta *et al.*, 2014; Soría, 2014; Silva, 2015b; Grilo e Santos 2016-2017). Possuem pastas e superfícies cinzentas, quase sempre polidas, por vezes recobertas com um engobe negro e possuem como principal característica a imitação de formas itálicas de cerâmica campaniense de verniz negro e de algumas formas de *sigillata*. O seu repertório, num primeiro momento composto por taças e pratos ou *pateræ*, parece reduzir-se a partir de época tardo-republicana a formas específicas da *sigillata* itálica (Conspectus, 1, 7, 8 e 10), as quais encontram representação nos contextos urbanos da cidade (Sepúlveda *et al.*, 2001; Bugalhão, *et al.*, 2013). Algumas gozaram de grande aceitação na região e mantêm-se pelo menos até aos finais do século I d.C., mas vão progressivamente abandonando as pastas cinzentas tão em voga em momentos anteriores para a produção em ambientes oxidantes (Grilo, 2020; Grilo, Fonseca e Fernandes, em publicação). A diversidade da qualidade das pastas e acabamentos destas produções, recobertas com engobe ou apenas polidas, que em comum têm o facto de corresponderem a imitações daquelas séries cerâmicas, não permite observar com rigor os

locais onde seriam produzidas nem determinar uma origem regional para boa parte dos exemplares conhecidos.

O segundo grupo corresponde a um conjunto de cerâmicas “comuns” de boa qualidade e aspeto cuidado, produzidas nas pastas da região, que têm vindo a ser designadas como cerâmicas de imitação de *sigillata* (CIS) (FIG. 3). Correspondem a pratos e taças e ocasionalmente formas fechadas, de produção cuidada, com argilas depuradas e tonalidades laranja avermelhadas, tendo como denominador comum a presença de esquemas decorativos de estampilhas, isoladas ou em combinações de diferentes punções, inspirados nas *sigillatas* africanas, gálicas DSP (do francês ‘*Dérivée e la Sigillé Paléochretienne*’) e hispânicas tardias (Grilo, 2014). Ocasionalmente, registam a combinação das estampilhas com outras técnicas como a pintura, com diferentes critérios de execução, podendo não apresentar decoração, mas mantendo a filiação formal.

Foram identificadas inicialmente em algumas *villæ* da região (Cardoso, 2013) e possuem hoje ampla distribuição na cidade e no território (Grilo, 2014), sempre em pequenas quantidades, em contextos dos finais do século IV e ao longo de todo o século V d.C. (*Idem*, 2014; Quaresma, 2017b e c, 2020), num mesmo período de difusão e distribuição das cerâmicas finas que procuram reproduzir. Não conhecemos as olarias onde seriam produzidas, mas a coerência formal e tecnológica bem como o detalhe dado aos padrões decorativos e à sua aplicação reforçam o seu cariz de produções especializadas, integradas nos circuitos de comercialização e distribuição regional. Estas não parecem competir em termos de mercado com as cerâmicas finas que procuram reproduzir, mas antes funcionar numa lógica complementar de aquisição face a um mercado consumidor exigente ou a uma elevada procura de cerâmicas de mesa. Por outro lado, traduzem o conhecimento



FIG. 3
As cerâmicas de inspiração de *sigillata* do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios (segundo Grilo, 2014).

profundo dos oleiros locais sobre as formas e as decorações que procuram reproduzir, assim como a criatividade e a experimentação destes mesmos oleiros na fusão e reinterpretação das diferentes influências patentes nestas séries cerâmicas, quer ao nível da combinação das diferentes matrizes, como das suas aplicações.

Em *Olisipo* e no seu território são hoje conhecidas mais de 27 matrizes ornamentais destas séries (Grilo, 2014, 2020) com motivos vegetalistas (palmetas, folhas, rosetas e pétalas) e geométricos (orlas, círculos concêntricos, crescentes ou pontilhados), muito em voga nos estilos decorativos das *sigillatas* africanas, consumidas em larga escala

na cidade e no território, alguns dos quais também representados nas DSP e nas produções estampadas de *Terra Sigillata Hispânica Tardia* que também circularam na região em quantidades mais modestas.

Devido ao seu elevado poder aquisitivo e à sua condição de centro de comércio por excelência da Lusitânia, *Olisipo* foi um palco privilegiado para diferentes experiências oleiras ao longo do período romano que atestaram a vitalidade das produções cerâmicas regionais e a sua adaptação a novos modelos e repertórios cerâmicos e à sua produção e distribuição.

A cidade consumidora e importadora de produtos manufaturados: as cerâmicas

Da atividade comercial e económica da cidade falamos ainda outros materiais como os vidros e outros produtos importados, e naturalmente as moedas. Mas são sobretudo os milhares de fragmentos de cerâmica, recuperados ao longo dos anos nas várias intervenções arqueológicas realizadas em Lisboa, que têm fornecido os dados mais interessantes. A sua classificação e estudo permite-nos perceber quais foram as principais regiões que abasteceram a cidade desde as etapas iniciais ligadas ainda à presença militar remontando ao século II a.C., e posteriormente até ao século VI d.C. já na Antiguidade Tardia pós-romana, altura em que os velhos circuitos comerciais parecem sobreviver ainda que enfraquecidos. Assim, podemos aceder a informação sobre os padrões de consumo e perceber os ritmos de aquisição destes produtos na cidade. Em particular as cerâmicas de mesa importadas (*terra sigillata*) são testemunho de trocas comerciais de larga escala, em que os principais produtos transacionados seriam sobretudo alimentos transportados em ânforas e matérias-primas.

Dada a sua localização estratégica, *Olisipo* assumiu especial destaque nas redes comerciais que formaram o império romano, enquanto plataforma na relação entre o Mediterrâneo e o Atlântico, mas também enquanto centro de redistribuição integrava um território amplo que englobava todo o estuário do Tejo e parte da península de Lisboa e ainda a principal cidade portuária da província da Lusitânia. A comercialização de larga escala favorecia as trocas realizadas por via marítima e fluvial e a integração do Ocidente da Península Ibérica num Império que se estendia desde o Mediterrâneo Oriental até às ilhas Britânicas permitiu potenciar ao máximo estes fatores.

Como os primeiros contactos de *Olisipo* com o mundo romano ocorreram no contexto da ocupação militar, que terá tido lugar em torno a 138 a.C. com o estabelecimento de Décimo Júnio Bruto, os materiais arqueológicos recuperados nas intervenções realizadas no Castelo de S. Jorge e na sua envolvente direta são testemunho destas primeiras interações (Pimenta, 2005; Pimenta *et al.*, 2014). Assim, foi possível documentar níveis arqueológicos e enchimento de fossas com restos dos produtos descartados pelas tropas romanas. Destaque ainda para o sítio do Beco do Forno do Castelo, onde foi possível recuperar uma estrutura romana republicana, possivelmente relacionada com a ocupação militar do morro do Castelo (Pimenta *et al.*, 2014). Nestes contextos, além das cerâmicas de mesa importadas da península itálica (cerâmica de verniz negro e cerâmica de paredes finas), assim como lucernas de verniz negro, assinala-se também a presença de vários pratos (*patinæ*) e tampas (*opercula*) de cerâmica comum, provenientes da Campânia e cerâmica oriunda da área ibérica (*kalathoi* com decoração pintada) (Pimenta *et al.*, 2014) (FIG. 4).

A presença da cerâmica de verniz negro itálica (campaniense A, B etrusca e B de Cales) está documentada em vários contextos da cidade, mas tirando os exemplares e fragmentos que se obtiveram no Castelo de S. Jorge e na sua encosta, os restantes recolheram-se em contextos de deposição secundária (Dias, 2013).

A importação de alimentos transportados em ânforas (objeto de análise mais desenvolvida noutra texto deste volume (Filipe, Pimenta e Almeida) assinala a importância que esta componente itálica teve no abastecimento de vinho aos contingentes militares, considerado como o produto motor destas importações. Igualmente expressiva foi a importação de produtos piscícolas oriundos da Ulterior / Bética, registando-se ainda algum azeite africano (Pimenta *et al.*, 2014).



FIG. 4
Cerâmica de verniz negro da baía de Nápoles (Campaniense A) e cerâmica de paredes finas itálicas do sítio do Beco do Forno do Castelo, (segundo Pimenta *et al.*, 2014, adaptado).

A partir do Principado (século I-II) e até à Antiguidade Tardia (III-V/VI), multiplicam-se os contextos arqueológicos da cidade que testemunham a presença romana. Atualmente, procura-se identificar o perfil de consumo de diferentes áreas da cidade, mesmo se frequentemente apenas se possui informação de áreas reduzidas e nem sempre com a informação concreta acerca da sua funcionalidade.

Entre as cerâmicas que circularam por amplas áreas do império em época romana a *terra sigillata* adquire especial significado pelas informações que fornece. Trata-se de cerâmica de mesa de elevada qualidade produzida com argilas muito depuradas e com um revestimento que lhe conferiu um aspeto lustroso vermelho alaranjado. Além de taças e pratos para o consumo de alimentos à mesa existem ainda formas decoradas produzidas a molde como cálices que ostentam cenas mitológicas ou motivos vegetais, entre outros, destinados ao consumo do vinho. O facto de se conhecerem as áreas de produção na península itálica, no sul da Gália e mesmo na Hispânia, no Norte de África ou no Mediterrâneo Oriental, e dado que as suas formas se foram modificando ao longo do tempo, torna-as importantes indicadores cronológicos para os contextos em que ocorrem, para além de expressivos indicadores das relações de intercâmbio com distintas regiões.

O estudo de vários contextos da cidade permitiu caracterizar a importação e consumo de cerâmica em Lisboa durante o Principado (Silva, 2015a). Assim, admite-se que a *terra sigillata* de tipo itálico tenha adquirido expressão durante o principado de Augusto/Tibério. Sucederam-se outras áreas de aprovisionamento como o sul da Gália (La Graufesenque), sobretudo a partir das primeiras décadas do século I, atingindo nesta etapa excelente qualidade e elevado nível de padronização das suas formas tornando-se

dominante em meados do século I (FIG. 5). Ainda nesta data assiste-se à importação ocasional de cerâmicas béticas que procuraram imitar protótipos itálicos (imitação de *sigillata* do tipo Peñaflor) (Silva, 2015a). A partir dos finais do século I, a própria Hispânia passou a produzir estas cerâmicas de mesa, quer no vale do Guadalquivir (Andújar), quer no Vale do Ebro (Trício).

Muitos destes recipientes de *terra sigillata* possuem marca, o que permite conhecer o nome do oleiro, o período concreto de manufatura e o centro produtor específico. Assim, o estudo das marcas de oleiro de *Olisipo* ajudamos a definir a geografia e ritmo de abastecimento da cidade e do seu *ager* durante o século I e II (Silva, 2005, 2013). Apesar do papel que a cidade terá assumido na distribuição deste tipo de produtos no vale do Tejo, pode defender-se alguma primazia de *Scallabis* (Santarém) nas etapas iniciais da importação de *sigillata* de tipo itálico (Viegas, 2003), que poderá relacionar-se com o seu papel enquanto sede do *conventus* jurídico.

A cerâmica de paredes finas, que corresponde a pequenos recipientes destinados ao consumo de líquidos à mesa (pequenos copos e potinhos) foi igualmente importada para *Olisipo*, pelo menos até à segunda metade do século I, momento a partir do qual os recipientes em vidro se tornam mais comuns. Até ao principado de Tibério, são ainda as paredes finas itálicas as que se documentam em Lisboa passando a dominar, a partir de meados do século I, as importações da Bética (Silva, 2015b). Nas escavações do Teatro romano também se identificaram paredes finas do Sul da Gália e outras de origem ainda desconhecida (Sepúlveda e Bolila, 2020).

Além da cerâmica de mesa, *Olisipo* importou ainda pequenos recipientes destinados a recolher líquidos como perfumes ou medicamentos – referimo-nos aos unguentários itálicos que ocorrem sobretudo em contextos funerários (Bugalhão *et al.*, 2013) mas

também no conjunto da R. dos Remédios (Silva, 2015).

As lucernas, que se destinam à iluminação, também foram maioritariamente importadas, mesmo que tenham sido uma realidade as produções de âmbito local/regional. Os dados da Praça da Figueira (Vieira, 2011), do NARC (Grilo, 2013), da Rua dos Remédios (Silva, 2015b) ou do Teatro romano (Diogo e Sepúlveda, 2000; Sepúlveda e Bolila, 2020), entre muitos outros, oferecem-nos alguma evidência sobre as tendências registadas nestas importações. Assim, as primeiras lucernas importadas correspondem às produções itálicas de verniz negro identificadas nos contextos do Castelo de S. Jorge (Pimenta, 2005) e da R. do Beco do Forno do Castelo (Pimenta *et al.*, 2014). Com uma forte presença ainda das produções itálicas durante o século I, embora agora com engobes avermelhados, foi a partir dessa data que o abastecimento se começou a diversificar com a chegada dos produtos da Bética, mas também dos provenientes de Mérida, embora em muito menor quantidade. A importação de lucernas africanas inicia-se ainda no século II, embora nesta data as produções de âmbito local sejam uma realidade que supera as importações como parece suceder nos contextos da necrópole da Praça da Figueira (Vieira, 2011).

Além das importações de cerâmicas de mesa (*terra sigillata*) que aportaram a *Olisipo* durante o século I e II, existem ainda outros produtos que chegaram em menor quantidade mas que importa também referir, como sucede com as cerâmicas comuns itálicas, béticas e norte africanas.

As cerâmicas comuns itálicas mantêm as mesmas características observadas nos contextos republicanos do Castelo de S. Jorge (Pimenta, 2005; Pimenta *et al.*, 2014), a que se vem juntar igualmente os pratos com um engobe espesso polido que revestia

a sua superfície interna. Este engobe a que se chamou “engobe vermelho pompeiano” permitia uma melhor impermeabilização destes recipientes usados para cozinhar e servir à mesa (Fernandes e Filipe, 2007). Os almofarizes do Centro de Itália (Dramont D1 e D2) chegam igualmente à cidade, alguns deles ostentando marca de oleiro (Rocha *et al.*, 2013; Silva, 2015a).

Provavelmente, a cerâmica comum com origem na Bética facilmente identificável pelas argilas calcárias (esbranquiçadas e beges), terá correspondido a uma carga secundária das embarcações que transportavam ânforas com preparados piscícolas da área gaditana (Pinto e Morais, 2007). Sempre em quantidades inferiores às produções locais regionais, entre as formas mais frequentes encontram-se alguns recipientes de armazenamento como potes e pequenas bilhas para trazer líquidos à mesa. Contudo, um dos recipientes béticos que maior difusão teve foi o almofariz, uma peça essencial na cozinha romana para preparação de alimentos a frio quando se precisava de triturar e misturar diversos ingredientes e ervas aromáticas.

Desde os finais do século I e sobretudo a partir da segunda metade do século II assiste-se à difusão das importações Norte Africanas, oriundas da atual Tunísia e, neste contexto, além das primeiras importações de *sigillatas* africanas oriundas sobretudo da região de Cartago, assinala-se também presença de alguma cerâmica de cozinha africana (Santos, 2015).

Como se destaca noutra texto deste volume (Filipe, Pimenta e Almeida), depois da hegemonia do vinho itálico em época republicana, nos primeiros séculos da nossa Era, a importação de alimentos transportados em ânforas diversifica-se no que diz respeito às áreas abastecedoras e aos produtos transportados, mostrando bem a capacidade aquisitiva dos habitantes de *Olisipo*.



FIG. 5
Terra sigillata sudgálica da necrópole
da Praça da Figueira
(créditos fotográficos: José Avelar
- Museu de Lisboa / EGEAC)

Durante a Antiguidade Tardia, particularmente entre os séculos III e V ou mesmo ainda nos inícios do VI, *Olisipo* manteve-se um porto com considerável atividade mas sem o volume de trocas de épocas anteriores. Nesta altura, a *sigillata* africana originária do Norte e Centro da Tunísia domina os mercados. Trata-se de grandes pratos e tigelas por vezes com decoração estampada, o que mostra alterações também nas formas de consumo à mesa com utilização coletiva dos recipientes.

Para esta etapa, aos dados de *Olisipo* podem juntar-se igualmente as informações recolhidas nas *villæ* dos arredores da cidade. A dinâmica destes estabelecimentos rurais mostra uma intensificação da sua ocupação, acompanhada de importantes remodelações das áreas habitacionais e do consumo de bens de grande circulação, como as cerâmicas de mesa importadas. Assim, dispomos de evidência acerca do quadro de importações em Freiria, Cascais (Cardoso, 2018a), Alto do Cidreira, Cascais (Nolen, 1988; Sepúlveda, Bolila e Santos, 2015), Almoínhas, Loures (Quaresma, 2019), Frielas, Loures (Quaresma, 2017b) e Quinta da Bolacha, Amadora (Quaresma, 2017c) demonstrando que neste período além da *sigillata* africana, o abastecimento de cerâmica de mesa teve também origem no Mediterrâneo Oriental, na costa da atual Turquia, com a *sigillata* foceense tardia ou ainda a *sigillata* cipriota. As produções de *sigillata* da Gália, agora cinzentas e com decoração estampada, também designadas como DSP, ocorrem em contextos do século IV e V, registando-se ainda a *sigillata* hispânica tardia proveniente do Vale do Douro e do Ebro em quantidades relativamente modestas. É ainda todo este universo de formas frequentemente com decoração estampada, que constitui a principal fonte

de inspiração de uma série de produções a que já se aludiu *supra* e que correspondem às imitações destas cerâmicas por parte dos oleiros locais.

Durante o período compreendido entre o século III a V, a cerâmica comum oriunda da bética terá continuado a ser importada ainda que a sua expressão quantitativa não seja ainda clara. Por outro lado, manteve-se igualmente a importação de cerâmica de cozinha africana até ao século IV-V. Muito raro, e único até ao momento no contexto português, é o almofariz oriundo do Norte da Síria que foi identificado no NARC (Guerra e Grilo, no prelo). Com marca em caracteres gregos foi datado do século III-IV, e poderá associar-se, possivelmente, à comercialização de outros produtos originários do Mediterrâneo Oriental como é o caso das ânforas (Filipe, Pimenta e Almeida, neste volume).

Para completar o estudo da circulação de produtos em *Olisipo* seria importante poder contar com a informação sistemática acerca dos achados numismáticos, mas a este respeito as informações são ainda mais parcelares e fragmentárias. Atendendo ao volume expectável de mercadorias nos portos da cidade (as que aportavam à cidade, as que daqui partiam, assim como as que se encontravam em trânsito para destinos mais longínquos), a circulação do dinheiro seria uma realidade em *Olisipo*, que futuros estudos numismáticos poderão detalhar. Destaque-se que a este respeito dispomos de alguma informação indireta porque proveniente das *villæ* do *ager* de *Olisipo* (Conejo, 2019). Fica demonstrado mais uma vez a dinâmica de ocupação do território com as suas *villæ* a assumirem um importante papel enquanto polos produtivos articulados em sintonia com a cidade.

Considerações finais

A fertilidade do *ager* a que se juntou a exploração dos recursos marinhos trouxe capacidade aquisitiva à população de *Olisipo* e às suas elites possibilitando a importação de um conjunto significativo de produtos manufaturados de que as cerâmicas de mesa são o testemunho mais visível, mas certamente não o único. O consumo de cerâmicas era ainda assegurado para as diferentes funções das atividades domésticas por uma robusta produção artesanal situada no entorno da cidade. As olarias na margem esquerda do rio Tejo, além das cerâmicas comuns, produziram ânforas para transportar os preparados piscícolas e cerâmica de construção, definindo uma estreita articulação entre a cidade e o seu amplo território.

Face à sua condição privilegiada e à riqueza do seu território, *Olisipo* foi, como referido, uma cidade produtora, dotada de amplos recursos para o desenvolvimento das suas indústrias e atividades transformadoras destinadas aos mercados locais e regionais, mas também à exportação de produtos que viajaram até aos confins do Império. Em simultâneo, o desenvolvimento económico potenciado por estas atividades produtoras e exportadoras cedo transformaram a urbe num polo consumidor de produtos importados de outras paragens, que, apesar de distante, estava plenamente integrado nos circuitos comerciais do Império. Esta vitalidade e efervescência económica de *Olisipo* ter-se-á também traduzido na sua vertente consumidora, manifestada na chegada de produtos, alimentos e gentes de diferentes paragens, que foram moldando e transformando a cidade e os seus habitantes, com novas formas e modos de consumir, comer, interagir e sociabilizar.

Os testemunhos destas influências são diversos, ainda que o mais expressivo seja a cerâmica, cujas séries de ampla distribuição (as cerâmicas finas e as ânforas) chegaram à cidade em distintas quantidades e de diferentes proveniências durante os vários séculos do domínio romano, rapidamente influenciando e transformando a produção oleira local e regional. Mas subsistem muitos outros, desde o comércio e importação de matérias-primas, de materiais de construção e de rochas ornamentais, até à própria epigrafia, reveladora da presença de gentes e de cultos de diferentes origens na cidade. Esta vitalidade económica estendeu-se também ao seu território e às múltiplas *villae* aí registadas, onde a cidade terá desempenhado um papel de plataforma de redistribuição regional, fornecendo bens e produtos importados e do qual receberia as matérias-primas necessárias ao seu abastecimento agroalimentar e industrial. Nelas se produziriam muitos dos bens essenciais à cidade e à vida urbana, numa estreita vinculação entre a cidade e o seu *ager* e aí também encontramos evidências desse consumo intenso de bens importados e produtos exóticos, testemunhando a capacidade económica e aquisitiva das elites locais e da população da cidade.

Referências

- AA.VV. (1981) – *Enciclopedia dell' Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche*, I. *Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo (Medio e Tardo Impero)*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.
- AA.VV. (1998) – *Da Vida e da Morte. Os romanos em Loures: Catálogo de exposição*. Loures: Câmara Municipal de Loures.
- AA.VV. (1999) – *Do Paleolítico ao Romano. Catálogo*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Adam, J. P. (1996) – *La construcción romana: materiales y técnicas*. León: Editorial de los Oficios.
- Adroher Auroux, A. (2014) – Cerâmica Gris Bruñida Republicana (GBR): el problema de las imitaciones en ceramología arqueológica. In Morais, R.; Fernández Fernández, A.; M. Sousa, M., eds. – *As produções cerâmicas de imitação na Hispania* (Monografias Ex Officina Hispana; II:II). Porto: Universidade do Porto / Ex Officina Hispana, Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH), pp. 281-290.
- Alarcão, J., coord. (1990) – A produção e a circulação dos produtos. In Marques, A. H. O.; Serrão, J., dir. – *Nova História de Portugal. Portugal das Origens à Romanização*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 409-441.
- Alarcão, J., coord. (1990a) – O Domínio Romano. In Marques, A. H. O.; Serrão, J., dir. – *Nova História de Portugal. Portugal das Origens à Romanização*. Lisboa: Editorial Presença. 1, pp. 342-441.
- Alarcão, J. (1994) – Lisboa romana e visigótica. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Electa / Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, pp. 58-63.
- Alarcão, J. (1998) – A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conímbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XXXVII, pp. 89-119.
- Alarcão, J. (2002) – *Scallabis* e o seu território. In Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J., coords. – *De Scallabis a Santarém. Catálogo da Exposição*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 37-46.
- Alarcão, J. (2006) – As vias romanas de Olisipo a Augusta Emerita. *Conímbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XLV, pp. 211-251.
- Alarcão, A.; Mayet, F., eds. (1990) – *Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio (Actas das Jornadas de Estudo realizadas em Conímbriga em 13 e 14 de Outubro 1988)*. Coimbra: Museu Monográfico de Conímbriga.
- Almeida, M. J. (2017) – *De Augusta Emerita a Olisipo por Eborá: uma leitura do território a partir da rede viária*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa [Policopiada].
- Almeida, M. J.; Sousa, A. C. (1996) – O Povoamento Rural Romano no Concelho de Mafra. *Boletim Cultural' 95*. Maфра: Câmara Municipal, pp. 205-214.
- Almeida, R. R. (2008) – *Las ánforas del Guadalquivir en Scallabis (Santarém, Portugal). Una aportación al conocimiento de los tipos minoritarios* (Col. Lección Instrumentaria; 28). Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona.
- Almeida, R. R. (2016) – On the way to Augusta Emerita. Historiographical overview, old and new data on fish-product amphorae and commerce within the trade of the capital of Lusitania. In Pinto, I. V.; Almeida, R. R.; Martin, A., eds. – *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 10). Oxford: Archaeopress, pp. 195-218.
- Almeida, R. R.; Fabião, C. (2019) – The 'early production' of Roman amphorae in Ulterior / Lusitania. State of play of a universe (still) under construction. In García Vargas, E.; Almeida, R. R.; González Cesteros, H.; Sáez Romero, A. M., eds. – *The Ovoid Amphorae in the Central and Western Mediterranean. Between the last two centuries of the Republic and the early days of the Roman Empire*. Oxford: Archaeopress, pp. 175-190.
- Almeida, R. R.; Filipe, V. (2013) – 50 anos depois: as ânforas da Praça da Figueira. In *Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses (21-24 de Novembro de 2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 737-745.
- Almeida, R. R.; Pimenta, J. (2018) – Ânforas do Acampamento / Sítio romano de Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal). *Onuba*. Huelva: Universidad de Huelva / Facultad de Humanidades. 6, pp. 3-56.
- Almeida, R. R.; Sánchez Hidalgo (2013) – Las ánforas Del Cuartel De Hernán Cortés: Nuevos Datos Para El Estudio De La Importación Y Consumo En Augusta Emerita. In Bernal, D.; Juan, L. C.; Bustamante, M.; Díaz, J. J.; Sáez, A.M., eds. – *I Congreso Internacional de la SECAH Ex Officina Hispana: Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania. Cádiz, 3-4 de marzo de 2011* (Monografias Ex Officina Hispana; 1). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz; San Martín de Valdeiglesias (Madrid): Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH). II, p. 49-58.
- Alonso Villalobos, C.; Gracia Prieto, F. J.; Ménanteau, L. (2003) – Las salinas de la Bahía de Cádiz durante la Antigüedad: visión geoarqueológica de un problema histórico. *SPAL – Revista de PreHistoria Y Arqueología*. Sevilla: Universidad de Sevilla. 12, pp. 317-332. Disponível em WWW: (URL: <http://dx.doi.org/10.12795/spal.2003.i12.13>).

- Alves, F.; Reiner, F.; Almeida, M. J. R.; Veríssimo, L. (1988/1989-1993) – Os cepos de âncora em chumbo descobertos em águas Portuguesas. Contribuição para uma reflexão sobre a navegação ao longo da costa atlântica da Península Ibérica na antiguidade. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV. 6-7, pp. 109-185.
- Alves, J. F. (1994) – Belém (Sítio de). In: Santana, F.; Suceña, E., dir. – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, pp. 153-157.
- Amaro, C. (1995) – Urbanismo Tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa. In *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Monografias de la Secció Històrico-Arqueològica; IV). Barcelona: Institut D'Estudis Catalans, pp. 337-342.
- Amaro, C. (2001) – Presença muçulmana no claustro da Sé Catedral – três contextos com cerâmica islâmica. In *GARB – Sítios Islâmicos do Sul Peninsular / Sitios Islâmicos del Sur Peninsular*. Lisboa / Mérida: Instituto Português do Património Arquitectónico / Junta de Extremadura, pp. 165-197.
- Amaro, C.; Cardoso, G. (2017) – A alimentação em Lisboa na época romana através das ânforas da Casa dos Bicos. In Senna-Martínez, J. C.; Martins, A. C.; Melo, A. Á. d.; Caessa, A.; Cameira, I., eds. – *Fragments de Arqueologia de Lisboa: Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade*. Lisboa: CML/ DMC/ DPC/ CAL | SGL/ Secção de Arqueologia. 1, pp. 55-65.
- Amaro, C.; Gonçalves, C. (2016) – The Roman Figlina at Garrocheira (Benavente, Portugal) in the Early Empire. In Vaz Pinto, I.; Almeida, R.; Martin, A., eds. – *Lusitanian amphorae. Production and distribution* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 10). Oxford: Archaeopress, pp. 47-58.
- Amaro, C.; Gonçalves, C. (2017) – A Olaria Romana da Garrocheira, Benavente: resultados de três intervenções arqueológicas. In Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., coords. – *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal / Centro de Arqueologia de Almada, pp. 89-112. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/2SiGf8F>).
- Amaro, C.; Manso, C.; Sepúlveda, E. (2013) – Complexo industrial romano de preparados de peixe da Baixa. Sua abordagem a partir de dois novos equipamentos. In Arnaud, J.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 755-763.
- Amores Carredano, F.; García Vargas, A.; González Acuña, D. (2007) – Ânforas tardoantigas en Hispalis (Sevilla, España) y el comercio Mediterráneo. In Bonifay, M.; Tréglia, J.-C., eds. – *LRCW 2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry* (BAR International Series; 1662) Oxford: Archaeopress. I, pp. 133-146
- Arce, J. (1988) – *España entre el mundo antiguo y el mundo medieval*. Madrid: Taurus.
- Arévalo González, A.; Mora Serrano, B. (2018) – Las monedas de las cetariae de Tradvcta. Un ejemplo e circulación monetaria en el estrecho de Gibraltar en la Antigüedad Tardía. In Bernal-Casasola, D.; Jiménez-Camino Álvarez, R., eds. – *Las cetariae de Ivlia Tradvcta. Resultados de las excavaciones arqueológicas en la calla San Nicolás de Algeciras (2001-2006)* (Monografias. Historia y Arte; 48). Cádiz: Universidad de Cádiz, Editorial UCA, pp. 655-718.
- Arruda, A. M. (1999/2000) – *Los Fenicios En Portugal: Fenicios y Mundo Indígena en el Centro y Sur de Portugal (Siglos VIII-VI a.C)* (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; 5-6). Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueología Universidad Pompeu Fabra de Barcelona / Carrera Edició, S.L.
- Arruda, A. M.; Viegas, C.; Bargão, P. (2005) – As ânforas da Bética costeira na Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8: 1, pp. 279-297.
- Assis, C.; Amaro, C. (2006) – Estudo dos restos de peixe de dois sítios fabris de Olisipo. In *Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a proto-história e a época romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet. Setúbal, 7-9 Maio 2004* (Setúbal Arqueológica; 13). Setúbal: MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, pp. 123-144.
- Audoin-Rouzeau, F. (2005) – Compter et mesurer les os animaux. *Histoire & Mesure*. Éditions EHESS. 10, pp. 277-312.
- Azevêdo, M. T. M. (1982) – *O sinclinal de Albufeira, evolução pós-miocénica e reconstituição paleogeográfica*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 302 pp.
- Azevedo, P. A. de (1908) – Miscellanea. *O Archeólogo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português / Imprensa Municipal. 1.ª série. XIII, pp. 10-37.
- Babelon, E. (1897) – *Catalogue des camées antiques et modernes de la Bibliothèque National*. Paris: Ernest Leroux Éditeur.
- Balseiro García, A. (2016) – La acuñación de la conquista romana del Noroeste: monedas de la Caetra. In *Actas XV Congreso Nacional de Numismática. Madrid. 28-30 octubre 2014*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional, pp. 1349-1352.
- Banha, C. M. S.; Arsénio, P. A. M. (1998) – As ânforas romanas vinárias de Seilium (Tomar). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 1(2), pp. 165-190.
- Batalha, L.; Cardoso, G.; Caninas, J. C.; Monteiro, M., coords. (2009) – *A Villa Romana da Sub-Serra de*

- Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira). Trabalhos Arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL.* Lisboa: EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres SA, Lisboa.
- Batalha, L.; Cardoso, G. (2020) – Fragmento de Ânfora Africana / Keay 6-7 do Vale de Alcântara (Lisboa). *Al-madan online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 23: 1, p. 162 [Consult. 21 agosto 2020]. Disponível em WWW: (URL: Al-Madan Online 23-1 by Al-Madan Online – Issuu).
- Batata, C. (2012) – Relatório final da escavação arqueológica realizada junto a Senhora do Ó, Carvoeira, Mafra. Arquivo da Câmara Municipal de Mafra [Policopiado].
- Beard, M.; Henderson, J. (1996) – *Antiguidade Clássica o essencial*. Lisboa: Gradiva.
- Becerra Fernández, D.; Tremblay Alés, L. (no prelo) – *Marmora en el Traianeu* de Itálica. Tipos, proporciones y procedencias. In *X Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Zafra. 9-11 de noviembre de 2018*.
- Belo, A. R. (1952-1955) – Nótulas sobre Arqueologia de Torres Vedras e seu termo. *Badaladas*. Torres Vedras: Fábrica da Igreja Paroquial de São Pedro e Santiago. 47: I, 50: IV, 93: XXXV e 127-130: XXXVIII-XLI, 01-02-1952, 15-03-1952, 01-01-1954 e 01-06-1955 – 15-07-1955 [várias páginas].
- Bernal Casasola, D.; García Giménez, R. (1995) – Talleres de lucernas en Colonia Patricia Cordoba en época bajoimperial: evidencias arqueológicas y primeros resultados de la caracterización geoquímica de las pastas. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba, Área de Arqueología. 6, pp. 175-216.
- Bernal Casasola, D.; Sáez Romero, A. M. (2019) – Molinos rotatorios en las fábricas de *Traducta*: Estudio arqueológico y consideraciones sobre la producción de derivados piscícolas. In Casasola, D.; Jimenez Camino R. A., eds. – *Las cetariae de Iulia Traducta: Resultados de las excavaciones arqueológicas en la calle San, Bernal – Nicolas de Algeciras (2001-2006)* (Monografías Historia y Arte; 48). Cádiz: Universidad de Cádiz Editorial UCA, pp. 399-424.
- Berni Milet, P. (2008) – *Epigrafía anfórica de la Bética. Nuevas formas de análisis*. (Col.lecció Instrumenta; 29). Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona.
- Blázquez, J. M. (1990) – *Aportaciones al Estudio de la España en el Bajo Imperio*. Madrid: Istmo.
- Blot, J.-Y. (2010) – *Memórias de longo prazo e património histórico: o Thermopylae / Pedro Nunes (Aberdeen, 1868 / Cascais, 1907)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais [Parecer policopiado].
- Blot, J.-Y.; Diogo, A. D.; Almeida, M. J.; Venâncio, R.; Veriyya, Y.; Maricato, C.; Russo, J.; Bombico, S.; Frazão, V.; Amato, A.; Di Bartolo, M.; Blot, M. L. P.; Almeida, P.; Coelho, J.; Lucena, A.; Ruas, J. P.; Jorge, L. S. (2006) – O sítio submarino dos Cortiçais (Costa Meridional da Antiga Ilha de Peniche). In Venâncio, R., ed. – *Actas das 1.^{as} Jornadas de Arqueologia e Património da Região de Peniche. Peniche. 3 e 4 de junho de 2005*. Peniche: Câmara Municipal de Peniche, pp. 157-226.
- Blot, M. L. P. (2003) – *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal* (Trabalhos de Arqueologia; 28). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Bombico, S. (2012) – Arqueologia Subaquática Romana em Portugal: evidências, perplexidades e dificuldades. In *Actas das IV Jornadas de jovens em investigação arqueológica – JIA 2011. Faro. 11 a 14 de maio de 2011* (Promontoria Monográfica; 16). Faro: Universidade do Algarve. II, pp. 99-106.
- Bonifay, M. (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique* (BAR International Series; 1301). Oxford: Archaeopress.
- Bonifay, M.; Carré, M.-B.; Rigoir, Y., dirs. (1998) – *Fouilles à Marseille. Les Mobiliers (I^{er}-VII^e siècles ap. J.-C.)* (Travaux du Centre Camille-Julian; 22 / Études Massaliètes; 5). Paris: Errance / Lattes: A.D.A.M.
- Borges, M. (2015) – Portos e ancoradouros do litoral de Sintra-Cascais. Da Antiguidade à Idade Moderna (I). In *Jornadas do Mar 2014. Mar: Uma onda de Progresso*. Almada / Alfeite: Escola Naval, Base Naval de Lisboa, pp. 152-164.
- Borges, M. (2018) – Navegação comercial flúvio-marítima e povoamento no Ocidente do *Municipium* Olisiponense: em torno dos rios Lizandro (Mafra) e Colares (Sintra). In Soares, C.; Brandão, J.; Carvalho, P., coords. – *História Antiga: Relações Interdisciplinares Paisagens Urbanas, Rurais e Sociais* (Série Hvmánitas Svvplemētvm. Estudos Monográficos). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 219-255.
- Bost, J.-P.; Chaves, F. (1990) – Le rayonnement des ateliers de Pax Iulia, Eborac et Emerita : essai de géographie monétaire des réseaux urbains de la Lusitanie romaine à l'époque julio-claudienne. In *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et territoires. Table Ronde internationale du CNRS. Talence. 8-9 décembre 1988* (Collection de la Maison des pays ibériques). Paris: Edition du Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), pp. 115-121.
- Braga, T. (1885) – *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições*. Lisboa: Livraria Ferreira Editora. II: II, pp. 45-248.
- Brak-Lamy, J. (1955) – Novos Elementos para o Conhecimento do Complexo Basáltico dos Arredores de Lisboa. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa: Sociedade Geológica de Portugal. XII, pp. 39-86.
- Brandão, D. P. (1972) – Epigrafia Romana Coliponense. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XI, pp. 41-192.
- Brazuna, S.; Coelho, M. (2012) – A Villa das Almoinhas (Loures). Trabalhos arqueológicos de diagnóstico e

- minimização. In Pimenta, J., coord. – *Atas mesa redonda: De Olisipo a Ierabriga* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 103-114.
- Brun, J.-P. (1997) – Production de l'huile et du vin dans la Lusitanie romaine. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 36, pp. 45-72.
- Bugalhão, J. (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo arqueológico da rua dos Correeiros* (Trabalhos de Arqueologia; 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Bugalhão, J.; Arruda, A.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) – Uma necrópole na praia: O cemitério romano do núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 16 (1), pp. 243-275.
- Bugalhão, J.; Gomes, A. S.; Sousa, M. J. (2007) – Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarim Chinês). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 10 (1), pp. 317-343.
- Burnett, A.; Amandry, M.; Ripollès, P. P. (1992) – *Roman Provincial Coinage I: From the Death of Caesar to the Death of Vitellius (44 BC-AD 69)*. London: The British Museum Press.
- Bustamante Álvarez, M. (2011) – *La cerámica romana en Augusta Emerita en la época Altoimperial: entre el consumo y la exportación*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- Bustamante Álvarez, M. (2013a): *Terra sigillata hispánica en Augusta Emerita. Estudio tipocronológico a partir de los vertederos del suburbio norte* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LXV). Mérida: CSIC, Instituto de Arqueología de Mérida.
- Bustamante Álvarez, M. (2013b) – El trabajo artesanal en Augusta Emerita durante los ss. I-IV d.C. The artisan work in Augusta Emerita during the IInd to IVth century AD. *Zephyrus*. Salamanca: Departamento de Prehistoria, Historia Antigua y Arqueología / Universidad de Salamanca. 72, pp. 113-138.
- Byrne, I. (1993) – A Rede Viária da Zona Oeste do Município Olisiponense (Mafra e Sintra). Sep. de *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II: 2, pp. 41-47.
- Cabello, A. M. (2008) – *Moneda e historia en tierras de Talavera de la Reina: Los hallazgos monetarios del yacimiento de El Saucedo*. Talavera de la Reina: Ayuntamiento de Talavera de la Reina.
- Cabral, J.; Cardoso, G. (1996) – Escavações arqueológicas junto à torre-porta do Castelo de Cascais. *Arquivo de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. 12, pp. 127-145.
- Cachão, M.; Freitas, M. C.; Guerra, A., coords. (2019) – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: Território e Memória*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópico.
- Caessa, A.; Mota, N.; Martins, P. V. (2020) – Criptopórtico: arqueologia e arquitetura de um equipamento portuário. In Fabião, C., coord. – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: A morfologia urbana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Caleidoscópico, pp. 73-91.
- Callender, M. H. (1965) – *Roman Amphorae*. Oxford: University Press.
- Cardoso, G. (1984) – Rescaldo das cheias: Observações Arqueológicas (II). *Costa do Sol Jornal*. Cascais. 12/04/1984, p. 15.
- Cardoso, G. (1986) – Escavações eventuais na Vila de Cascais. In *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Setúbal, 1985* (Trabalhos de Arqueologia; 3). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, pp. 49-53.
- Cardoso, G. (1991): *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- Cardoso, G. (1992) – Cetárias colocadas a descoberto em Cascais. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 1, p. 95.
- Cardoso, G. (1995-1997) – Um tesouro monetário do Baixo-império na villa de Freiria (Cascais). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Serie IV. 13-15, pp. 393-413.
- Cardoso, G. (2001) – O Castelo de Cascais. In *Arqueologia no Distrito de Lisboa: Alenquer, Cadaval e Cascais*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 15-20.
- Cardoso, G. (2002) – *Aspectos da Romanização do ager Olisiponensis*. Trabajo de Investigación de Tercer Ciclo. Cáceres: Universidad de Extremadura, Departamento de Historia Área de Arqueología [Policopiado].
- Cardoso, G. (2006) – As cetárias da área urbana de Cascais. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal. 13, pp. 145-150.
- Cardoso, G. (2013) – Cerâmicas de imitação de sigillata tardia das villae de Freiria e de Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo. *Ex Officina Hispana. Cuadernos de la Se-cah*. Madrid: Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH). I, pp. 191-204.
- Cardoso, G. (2016) – *Estudo arqueológico de la "villa" romana de Freiria*. Tesis Doctoral. Cáceres: Repositorio Institucional de la Universidad de Extremadura.
- Cardoso, G. (2018a) – *Villa romana de Freiria: Estudo arqueológico*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- Cardoso, G. (2018b) – A circulação de bens entre Olisipo e o seu ager à luz do material anfórico e da "indústria" de tinturaria. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., coords. – *Fragmentos de Arqueologia: Meios Vias e trajetos... Entrar e sair de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 123-134.

- Cardoso, G.; Cabral, J. (1988) – Apontamentos sobre os vestígios do antigo Castelo de Cascais. *Arquivo de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. 7, p. 77-90.
- Cardoso, G.; Encarnação, J. d' (1990) – Cascais no tempo dos romanos. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa. 1, pp. 59-72.
- Cardoso, G.; Encarnação, J. d' (1999) – Economia agrícola da região de *Olisipo*: o exemplo do lagar de azeite da villa romana de Freiria. In Gorges, J.-G.; Rodríguez Martín, F. G., coords. – *Économie et territoire en Lusitanie romaine* (Collection de la Casa de Velázquez; 65). Madrid: Casa de Velázquez, pp. 391-401.
- Cardoso, G.; Gonzalez, A. (2007) – Achados na Praia de Alburrica, Barreiro. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 15, p. 7.
- Cardoso, G.; Gonzalez, A. (2017) – Fragmento de bordo de ânfora Dressel 1 da praia de Alburrica, Barreiro. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 21, p. 7.
- Cardoso, G.; Luna, I. (2005) – Últimos dados sobre a romanização no concelho de Torres Vedras. In *Actas do Congresso A Presença Romana na Região Oeste. Bombarral. 23 e 24 de Novembro de 2001*. Bombarral: Câmara Municipal do Bombarral – Museu Municipal do Bombarral, pp. 65-82.
- Cardoso, G.; Nozes, C., coords. (2021) – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: O ager olisiponensis e as estruturas de povoamento*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio.
- Cardoso, G.; Rodrigues, S. (1996) – O Contexto Oleiro de Muge na Produção Romana do Médio e Baixo Tejo. In Filipe, G.; Raposo, J., eds. – *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote, pp. 167-178.
- Cardoso, G.; Rodrigues, S. (2016) – Ânfora Romana Dressel 2-4 recolhida ao Largo do Cabo Espichel. *Al-madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 20-2, p. 110. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline20_2).
- Cardoso, J. L. (1993) – Restos de grandes mamíferos da ilha do Pessegueiro: contribuição para o conhecimento da alimentação na Época Romana. In Silva, C. T.; Soares, J., eds. – *Ilha do Pessegueiro: porto romano da costa alentejana*. Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza, pp. 205-215.
- Cardoso, J. L. (2016) – Relatório dos restos de Fauna encontrados durante a escavação arqueológica do sítio de Freiria. In Cardoso, G. – *Estudio Arqueológico de la Villa Romana de Freira*. Tesis Doctoral. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 563-565.
- Cardoso, J. L.; Cardoso, G. (1993) – Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 4.
- Cardoso, J. L.; Guerra, A.; Fabião, C. (2011) – Alguns aspectos da mineração romana na Estremadura e Alto Alentejo. In Cardoso, J. L.; Almagro-Gorbea, M., eds. – *Lucius Cornelius Bocchus escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina. Colóquio Internacional de Tróia. 6-8 de Outubro de 2010*. Lisboa / Madrid: Academia Portuguesa da História / Real Academia de la Historia, pp. 169-188.
- Cardoso, J. P. (2013) – *Ânforas Romanas Recuperadas em Meio Subaquático em Portugal*. Lisboa: CPAS – FCSH/UNL [Policopiado].
- Carlà, F. (2009): *Loro nella tarda antichità: aspetti economici e social* (Collana del Dipartimento di storia dell'Università di Torino). Torino: Silvio Zamorani Editore.
- Carneiro, A. (2019) – A exploração romana do mármore no anticlinal de Estremoz: extração, consumo e organização. In Serrão, V.; Moura Soares, C.; Carneiro, A., coords. – *Mármore 2000 anos de História*. Lisboa: Theya, pp. 55-120.
- Carreras Monfort, C.; Morais, R., eds. (2010) – *The Western Roman Atlantic Façade: a study of economy and trade in the Mar Exterior. From the Republic to the Principate* (BAR International Series; 2162). Oxford: BAR Publishing.
- Carvalho, A. (1999) – Evidências arqueológicas da produção de vinho nas *villae* romanas do território português. Grainhas de uva, alfaias vitícolas e lagares de vinho. In Gorges, J.-G.; Rodríguez Martín, F. G., coords. – *Économie et territoire en Lusitanie romaine. Actes et travaux réunis et présentés* (Collection de la Casa de Velázquez; 65). Madrid: Casa de Velázquez, pp. 361-391.
- Carvalho, A.; Freire, J. (2007) – Âncora de Pedra Recolhida ao largo da Guia (Cascais). *Al-madan online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 15, p. 113. Disponível em WWW: [URL: https://issuu.com/almadan/docs/almadan_online_15].
- Carvalho, A.; Freire, J. (2011) – Cascais y la Ruta del Atlántico. El establecimiento de un puerto de abrigo en la costa de Cascais. Una primera propuesta. In Nogales, T.; Rodà, I., eds. – *Roma y las Provincias: modelo y difusión. Actas del XI Coloquio Internacional de Arte Romano Provincial. Mérida. Museo Nacional de Arte Romano. 18 – 21 de Mayo, 2009* (Hispania Antigua. Serie Arqueológica; 3). Roma: L'Erma di Bretschneider. II, pp. 727-735.
- Carvalho, A. M.; Almeida, F. J. (1996) – Aspectos económicos da Ocupação Romana na Foz do Tejo. In Filipe, G.; Raposo, J., coords. – *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado: actas das primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal / Lisboa: Câmara Municipal do Seixal / Publicações D. Quixote, pp. 137-156.
- Carvalho, A. R. (2002) – *Relatório da Intervenção Arqueológica no Mercado Velho de Palmela*. Câmara Municipal de Palmela [Policopiado].

- Casteel, R. (1976) – *Fish remains in archaeology and paleo-environmental studies*. London, New York and San Francisco: Academic Press.
- Castro, O. I. (1996) – *O Livro de Cozinha de Apício – um breviário do gosto imperial*. Sintra: Colares Editora.
- Cau Ontiveros, M. A.; Reynolds, P.; Bonifay, M., eds. (2011) – *LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology: A review of the evidence, debate and new contexts*. (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 1). Oxford: Archaeopress.
- Cepeda, J. J. (2000) – *Maiorina Gloria Romanorum*. Monedas, tesoros y áreas de circulación en Hispania en el tránsito del siglo IV al siglo V. *AEspA*. Editorial CSIC. 73 (181-182), pp. 161-192.
- Cerrillo, E. M. C. (1984) – *La Vida Rural Romana en Extremadura*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- Chaves, L. (1917) – Sobrevivências neolíticas de Portugal (Vestígios líticos, em concordância ou paralelismo, e na toponímia). *Arquivo da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Universidade de Lisboa / A Editora Limitada. IV, pp. 55-81.
- Hoffat, P. (1912-1913) – Rapport géologique et économique sur les sables aurifères marins d'Adiça et sur d'autres dépôts aurifères de la côte occidentale de la Péninsule de Setúbal (1892). *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. 9, pp. 5-26.
- Cockle, H. (1981) – Pottery manufacture in Roman Egypt a new papyrus. *Journal of Roman Studies*. Cambridge: Cambridge University Press. 71, pp. 87-97.
- Coelho, A. S. (1982) – *Subsídios para a História da Amadora*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Coelho, C. (2002) – Estudo preliminar da pedreira romana e outros vestígios identificados no Sítio Arqueológico de Colaride. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR, I.P. 5: 2, pp. 277-323.
- Colominas, L.; Schlumbaum, A.; Saña, M. (2014) – The impact of the Roman Empire on animal husbandry practices: study of the changes in cattle morphology in the north-east of the Iberian Peninsula through osteometric and ancient DNA analyses. *Archaeological and anthropological sciences*. Springer. 6 (1), pp. 1-16.
- Conceição, A. (2009) – Evidências da ocupação romana no concelho de Sesimbra. In *O tempo do Risco. Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, pp. 160-163.
- Conceição, A.; Ventura, J. (2009) – Arqueologia náutica e subaquática no concelho de Sesimbra. In *O tempo do Risco. Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, pp. 166-167.
- Conejo Delgado, N. (2019) – *Economía monetaria de las áreas rurales de Lusitania romana*. Tesis Doctoral Inédita. Sevilla / Lisboa: Universidad de Sevilla / Universidade de Lisboa.
- Corrales Aguiar, P. (2013) – Salamentum Sur-Hispano: apuntes para su estudio. *Revista Onoba: Revista de Arqueología y Antigüedad*. Huelva: Universidad de Huelva. 1, pp. 205-218.
- Correia, M. F. (2005) – Novos Dados para a Carta Arqueológica do Concelho de Alcochete. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª Série. 13, pp. 130-132.
- Correia, V. (1914) – No concelho de Sintra. Escavações e excursões. *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português / Imprensa Nacional. 1.ª Série. XIX, pp. 200-216.
- Cortez, M. C. (1994) – Casa do Governador da Torre de Belém. In Santana, F.; Sucena, E., dirs. – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, p. 226.
- Costa, A. M.; Freitas, M. C.; Bugalhão, J.; Cachão, M.; Currás, A. (2020) – O Mar de *Olisipo*. In Guerra, A.; Freitas, M. C.; Cachão, M., coords. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo: Território e Memória*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio, pp. 20-39.
- Costa do Sol Jornal (1993) – *Cascais, porto de pesca na época romana*. Cascais, n.º 1294.
- Cravinho, G. (2017) – Gravação, Temática e Funções das Gemas Romanas. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II.ª Série. 21, pp. 25-31.
- Cruz, M. (2009) – *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- Cuomo di Caprio, N. (2007) – *Cerâmica in Archeologia 2: antiche tecniche di lavorazione e moderni metodi di invagine*. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- Currás, A.; Costa, A. M.; Freitas, M. C.; Danielsen, R.; Bugalhão, J. (2020) – Landscape change and vegetation history in the city of Lisbon during Roman times and the Early Medieval Period. *The Holocene*. SAGE Publishing, I-II.
- Currás, B. X. (2017) – The *salinae* of O Areal (Vigo) and Roman salt production in NW Iberia. *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge: University Press. 30, pp. 325-349. Disponível em WWW: (URL: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-roman-archaeology>).
- Curtis, R. B. (1991) – *Garum and salsamenta: Production and Commerce in Materia Medica* (Studies in Ancient Medicine; 3). Leiden: E. J. Brill.
- Custódio, J. (1993) – Almada mineira, manufactureira e industrial. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª série. 2, pp. 89-103.
- Davis, S. (2006) – *Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal* (Trabalhos de Arqueologia; 43). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Davis, S.; Gonçalves, A. (2017) – Animal remains from the 4th–5th century AD well at São Miguel de Odrinhas, Sintra, Portugal: tiny sheep and a dwarf dog. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 20, pp. 139-156.

- Depeyrot, G. (1992) – Le système monétaire de Dioclétien à la fin de l'Empire Romain. *Revue Belge de Numismatique et de Sigillographie*. Bruxelles: Société Royale de Numismatique de Belgique. 138, pp. 33-106.
- Desbat, A.; Martin-Kilcher, S. (1989) – Les amphores sur l'axe Rhône-Rhin à l'époque d'Auguste. In *Amphores romaines et histoire économique. Dix ans de recherche. Actes du colloque de Sienna. 22-24 mai 1986* (Publications de l'École française de Rome; 114). Rome: École Française de Rome, pp. 339-365.
- Deserto, J.; Pereira, S. H. M. (2016) – *Estrabão, Geografia, Livro III*. Introdução, tradução do Grego e notas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em WWW: (URL: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1226-3>).
- Desse-Berset, N.; Desse, J. (2000) – Salsamenta, garum et autres préparations de poisson. Ce qu'en disent les os. *MEFRA (Mélanges de l'École Française de Rome – Antiquité)*. Publications École Française de Rome. 112 (1), pp. 73-97.
- Detry, C. (2007) – *Paleoecologia e Paleoeconomia do Baixo Tejo no Mesolítico: O contributo do estudo dos mamíferos dos concheiros de Muge*. PhD Dissertation, Universidad de Salamanca.
- Detry, C.; Arruda, A. M. (2012) – Acerca da influência ambiental e humana nos moluscos do Monte Molião (Lagos, Portugal). In Almeida, A. C.; Bettencourt, A. M. S.; Moura, D.; Monteiro-Rodrigues, S.; Alves, M. I. C., eds – *Environmental Changes and Human interaction along the western Atlantic edge/Mudanças ambientais e interação humana na fachada Atlântica ocidental*. Coimbra: APEQ, pp. 159-164
- Detry, C.; Cardoso, J. L.; Bugalhão, J. (2016) – A alimentação em Lisboa no decurso da Idade do Ferro: resultados das escavações realizadas no núcleo arqueológico da rua dos Correiros (Lisboa, Portugal). *Spal Revista de Prehistoria y Arqueologia*. Sevilla: Universidad de Sevilla. 25, pp. 67-82.
- Detry, C.; Pimenta, J. (2017) – Animal remains from medieval and modern Vila Franca de Xira, Portugal: Excavations at the Neo-Realism Museum. *CIRA Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, pp. 238-259.
- Detry, C.; Silva, C. T. (2016) – Estudo zooarqueológico dos restos recuperados no estabelecimento industrial romano do Creiro (Arrábida, Setúbal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 19, pp. 235-248.
- Detry, C.; Silva, C. T.; Soares, J. (2017) – Estudo zooarqueológico da ocupação romano-republicana do Castro de Chibanes (Palmela). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 20, pp. 113-127.
- Dias, I. (2018) – *O Bronze Final na Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Mestre.
- Dias, M. I.; Trindade, M. J.; Fabião, C.; Sabrosa, A.; Bugalhão, J.; Raposo, J.; Guerra, A.; Duarte, A. L.; Prudêncio, M. I. (2012) – Arqueometria e o estudo das ânforas lusitanas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (Lisboa) e de centros produtores do Tejo. In Dias, M. I.; Cardoso, J. L., eds. – *Actas do IX Congresso Ibérico de Arqueometria* (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 19). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, pp. 57-70.
- Dias, M. M., coord.; Gaspar, C. (2001) – *Epigrafia Latina do Museu Municipal Hipólito Cabaço (Alenquer)* (Epigrafia do território português; 1). Lisboa: Centro de Estudos Clássicos / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 26-28.
- Diogo, A. M. D.; Cardoso, J. P. (1992) – Fundo de ânfora Lusitana 2 proveniente de Cascais. *Artefactos*. Lisboa. 1, p. 12.
- Dias, V. (2013) – A cerâmica campaniense proveniente dos sítios arqueológicos da cidade de Lisboa. Uma abordagem preliminar. In Arnaud, J.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 717-726.
- Diogo, A. M. D. (2000) – As ânforas das escavações de 1989/93 do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3 (1), pp. 163-179.
- Diogo, A. M. D.; Alves, F. J. S. (1988-1989) – Ânforas provenientes de meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série 4. 6-7, pp. 227-240.
- Diogo, A. M. D.; Cardoso, J. P. (2000) – Ânforas béticas provenientes de um achado marítimo ao largo de Tavira, Algarve. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 2, pp. 67-79.
- Diogo, A. M. D.; Cavaleiro Paixão, A. (2001) – Ânforas de escavações no povoado industrial romano de Tróia, Setúbal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 4: 1, pp. 177-140.
- Diogo, A. M. D.; Costa, C. H. (2000) – Notícia de um conjunto de cerâmicas romanas encontradas nos arredores da Vila da Ericeira – concelho de Mafra. *Boletim Cultural' 99*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 207-215.
- Diogo, A. M. D.; Costa, C. H. (2002) – Notícia do achado da estação romana do Casal Cordeiro, nos arredores da vila da Ericeira (concelho de Mafra). *Boletim Cultural' 2001*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 333-338.
- Diogo, A. M. D.; Costa, C. H. (2005) – Materiais arqueológicos provenientes da Lapa da Serra. *Boletim Cultural' 2004*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 412-420.
- Diogo, A. M. D.; Sepúlveda, E. (2000) – As lucernas das escavações de 1983/93 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3 (1), pp. 153-161.

- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1999) – Ânforas e sigillatas tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 2 (2), pp. 83-95.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) – Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3 (1), pp. 181-205.
- Duhamel, P. (1974) – Les fours de Poitiers. *Les Dossiers de L'Archéologie*. Dijon: Éditions Faton. 6, pp. 54-66.
- Dumas, F. (1964) – *Épave Antiques*. Paris: G.-P. Maisonneuve et Larose.
- Duncan-Jones, R. (1974) – *The economy of the Roman Empire. Quantitative studies*. Cambridge: University Press.
- Edmondson, J. (1987) – *Two Industries in Roman Lusitania: Mining and Garum Production*. Oxford: BAR (IS-362).
- Encarnação, G. (2003) – A villa romana da Quinta da Bolacha. Um caso de Arqueologia Urbana. In *Actas do Quarto Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora / ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora, pp. 107-116.
- Encarnação, G. (2011) – A Arqueologia de prevenção na Amadora. In Almeida, M. J.; Carvalho, A., eds. – *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias. Centro Cultural de Cascais. 25-27 de Setembro de 2008*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 311-321.
- Encarnação, G.; Brito, S. (2010) – *Serra de Carnaxide – Via F. Relatório final dos trabalhos arqueológicos efectuados entre março e outubro de 2009*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Encarnação, G.; Brito, S.; Granja, R.; Dias, V. (2017) – *Serra de Carnaxide – via F. Trabalhos arqueológicos de emergência realizados em 2009* (Relatórios; 11). Amadora: ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora.
- Encarnação, G.; Dias, V. (2017) – Estado atual do conhecimento acerca do povoamento em época romana na Amadora. In Arnaud, J. M.; Martins, A., coords. – *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 171-183.
- Encarnação, G.; Dias, V. (2020) – Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar. In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coords. – *Arqueologia em Portugal. 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1361-1370.
- Encarnação, G.; Miranda, J. A.; Dias, V.; Duarte, V.; Duarte, C. (2019) – *Villa romana da Quinta da Bolacha. Trabalhos Arqueológicos realizados entre 1998 e 2015* (Relatórios; 12). Amadora: Câmara Municipal da Amadora / ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora.
- Encarnação, J. d' (1994) – *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- Encarnação J. d' (2002) – *Cascais e os seus cantinhos*, Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Cascais.
- Encarnação, J. d' (2005) – *A presença romana em Cascais: um território da Lusitânia ocidental*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Câmara Municipal de Cascais.
- Eschwege, W. L. (1831) – *Memoria Geognostica. Ou Golpe de vista do Perfil das estratificações das diferentes rochas, de que he composto o terreno desde a Serra de Cintra na linha de Noroeste a Sudoeste até Lisboa, atravessando o Tejo até á Serra da Arrabida, e sobre a sua idade relativa*. *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Typografia da Academia. 11, pp. 253-280.
- Étienne, R.; Makaroun, Y.; Mayet, F. (1994) – *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)*. Paris: Diff. E. De Boccard.
- Étienne, R.; Mayet, F. (2002) – *Salaisons et sauces de poisson hispaniques. Trois clés pour l'économie de l'Hispanie romaine*. Paris: Diffusion E. De Boccard, II.
- Fabião, C. (1993) – O passado Proto-Histórico e Romano. In Mattoso, J., dir. – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. I, pp. 77-201.
- Fabião, C. (1993-1994) – O azeite da *Baetica* na Lusitânia. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 32-33, pp. 219-245.
- Fabião, C. (1996) – O Comércio dos Produtos da Lusitânia Transportados em Ânforas no Baixo Império. In Filipe, G.; Raposo, J., coords. – *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado: actas das primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote, pp. 329-342.
- Fabião, C. (1998) – O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 1 (1), pp. 169-198.
- Fabião, C. (2000) – O sul da Lusitânia (Algarve português) e a Baetica: concorrência ou complementaridade? In *Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano. Sevilla-Écija. 1998*. Écija: Graficas Sol. II, pp. 717-730.
- Fabião, C. (2004) – Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In Bernal Casasola, D.; Lagóstena Barrios, L., eds. – *Figlinae Baeticae: Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.-VII d.C.)*. *Actas del Congreso internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003)* (*British Archaeological Reports, International Series*; 1266). Oxford: J. and E. Hedges Ltd. / Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz. 1, pp. 379-410.
- Fabião, C. (2009a) – O ocidente da Península Ibérica no século VI: Sobre um pentanummius de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de

- peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Oeiras: ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação Arqueológica – NIA. 4, pp. 25-50.
- Fabião, C. (2009b) – Cetárias, ânforas e sal: a exploração de recursos marinhos na Lusitânia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras / Câmara Municipal de Oeiras. 17, pp. 555-594.
- Fabião, C. (2009c) – A Dimensão Atlântica da Lusitânia: periferia ou charneira do império romano? In Gorges, J.-G.; Encarnação, J. d'; Nogales Basarrate, T.; Carvalho, A., eds. – *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade. Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana. Centro Cultural de Cascais, Museu Nacional de Arqueologia e Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas. 4 a 6 de novembro de 2004*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 53-74.
- Fabião, C., coord. (2020) – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: A Morfologia Urbana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio.
- Fabião, C. (2020a) – *Felicitas Iulia Olisipo*, mais do que uma cidade entre o Mediterrâneo e o Atlântico. In Fabião, C., coord. – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: A Morfologia Urbana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio, pp. 15-27.
- Fabião, C.; Guerra, A. (1993) – Sobre os conteúdos das ânforas da Lusitânia. In *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga (Coimbra, 1990)*. Coimbra: IA-IEC/FLUC, pp. 995-1016.
- Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., coords. (2017) – *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal / Centro de Arqueologia de Almada. Disponível no repositório Institucional da FLUL em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/27927>).
- Fages, A.; Hanghøj, K.; Khan, N.; Gaunitz, C.; Seguin-Orlando, A.; Leonardi, M.; Orlando, L. (2019) – Tracking five millennia of horse management with extensive ancient genome time series. *Cell*. Cambridge (USA): Cell Press. 177 (6), pp.1419-1435.
- Faria, A. M. (1999) – Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 2 (2), pp. 29-50.
- Fernandes, I. C. F. (2004) – *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela.
- Fernandes, I. C. F. (2015) – Do ribãt à comenda: marcas ideológicas e doutrinais na organização territorial e dos espaços fortificado. In Ayala Martínez, C. de; Fernandes, I. C. F., coords. – *Cristãos contra Muçulmanos na Idade Média Peninsular: bases ideológicas e doutrinais de um confronto (Sécs. X-XIV)*. Lisboa: Edições Colibri / Universidad Autónoma de Madrid, pp. 75-92.
- Fernandes, I. C. F.; Carvalho, A. R. (1993) – *Arqueologia em Palmela – 1988/92* (Catálogo de exposição). Palmela: Câmara Municipal de Palmela.
- Fernandes, I. C. F.; Carvalho, A. R. (1996) – Elementos para uma Carta Arqueológica do Período Romano no Concelho de Palmela. In Filipe, G.; Raposo, J., eds. – *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e Sado. Actas das I Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal / Lisboa: Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote, pp. 111-135.
- Fernandes, I. C. F.; Santos, M. T., coords. (2008) – *Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências, Poderes*. Palmela: Município de Palmela.
- Fernandes, I. C. F.; Santos, M. T. (2012) – Carta Arqueológica do Concelho de Palmela. In Fernandes I. C. F.; Santos, M. T., coords. – *Palmela Arqueológica no contexto da região interestuarina Sado-Tejo*. Palmela: Município de Palmela, pp. 11-24.
- Fernandes, L. (2012) – A decoração arquitectónica de época romana – aspetos de centralidade / descentralidade entre o territorium Olisiponense e a capital da Lusitânia. In Pimenta, J., coord. – *Atas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 131-147.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A., coords. (2020) – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: A capital urbana de um município de cidadãos romanos, espaço(s) de representação e cidadania*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio.
- Fernandes, L.; Filipe, V. (2007) – Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR, IP. 10 (2), pp. 229-253.
- Fernández Fernández, A. (2014) – *El comercio tardoantiguo (ss.IV-VII) en el Noroeste peninsular através del registro arqueológico de la Ría de Vigo* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 5). Oxford: Archaeopress.
- Fernandez García, M. I.; Gómez Martínez, E., coords. (2019) – *La cerámica de mesa romana en sus ámbitos de uso. Terra sigillata hispánica. I Encuentro de Investigadores. Andújar. 19 y 20 de octubre de 2018*. Andújar: Ayuntamiento de Andújar, pp. 299-348.
- Fernandez Nieto, F. J. (1970-1971) – Aurífer Tagus. *Zephyrus*. Salamanca: Universidad de Salamanca. 21-22, pp. 245-259. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/3okJNoj>).
- Fernández Rodríguez, C. (2003) – *Ganadería, caza y animales de compañía en la Galicia romana: estudio arqueozoológico* (Brigantium: Boletín do Museu Arqueológico e Histórico da Coruña; 15). Coruña: Museu Arqueológico e Histórico, 238 p.
- Ferreira, L. (2015) – *Que futuro nestas ruas cheias de*

- memórias? A identidade histórica do espaço urbano no crescimento europeu 2020. O caso de estudo da vila de Sesimbra.* Dissertação de Doutoramento em História na especialidade de Arte, Património e Restauro. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 15-28, 36-39, 273-274.
- Ferreira, L.; Conceição, A. (2011) – URBCOM Sesimbra. Intervenção arqueológica na frente marítima da vila de Sesimbra. In Almeida, M.; Carvalho, A., eds. – *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias. Cascais. 25-27 de Setembro de 2008.* Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 293-310.
- Ferreira, S. (1903) – Lápides e inscrições. *O Correio de Mafra*. Mafra, 232-233 (16 jul. 1903; 23 jul. 1903).
- Fevrier, P. A.; Leveau, Ph., eds. (1982) – *Villes et Campagnes dans l'Empire Romain (Actes du Colloque organisé à Aix-en-Provence, 1980).* Aix-en-Provence : Université de Provence.
- Figueira, A. (2018) – *A cerâmica comum da villa romana da Quinta da Bolacha (Amadora, Portugal).* Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [Policopiado].
- Figueiredo, A. M. (1906) – Ruines d'antiques établissements a salaisons sur le littoral sud du Portugal. *Bulletin Hispanique*. Bordeaux: Université de Bordeaux / Faculté des Lettres et Sciences Humaines. 8 (2), pp. 109-121.
- Filipe, G.; Raposo, J. M. C., dir. (1996) – *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado.* Lisboa: Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote.
- Filipe, I.; Fabião, C. (2006/2007) – Uma unidade de produção de preparados de peixe de época romana na Casa do Governador da Torre de Belém (Lisboa): uma primeira apresentação. *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58/59, pp. 103-118.
- Filipe, I. M. B. (2012) – *Casa do Governador da Torre de Belém: o caso de uma unidade de produção de preparados de peixe no âmbito da economia romana.* Dissertação de Mestrado em Pré História e Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível no Repositório Institucional da FLUL, em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/6121>).
- Filipe, V. (2015) – As ânforas do teatro romano de Olisipo (Lisboa, Portugal): campanhas 2001-2006. *Spal Revista de Prehistoria y Arqueologia*. Sevilha: Universidad de Sevilla. 24, pp. 129-163.
- Filipe, V. (2019) – *Olisipo, o grande porto da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado.* Tese de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível no Repositório Institucional da FLUL, em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/38619>).
- Filipe, V. (no prelo) – Las ánforas vinarias Alto-Imperiales de Lusitania: estado de la cuestión. *Lucentum*. Alicante: Universidad de Alicante, 40.
- Filipe, V.; Quaresma, J. C.; Leitão, M.; Almeida, R. (2016) – Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em Olisipo: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega Domínguez, R.; Berni Millet, P., eds. – *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo* (Monografías Ex Officina Hispana; III-I). Tarragona: Instituto Catalán de Arqueología Clásica, pp. 423-445.
- Finley, M. (1981) – The Ancient City: from Foustel de Coulanges to Max Weber and beyond. In Shaw, B. D.; Saller, R. P., eds. – *Economy and Society in Ancient Greece*. London: Chatto & Windus, pp. 3-23.
- Finley, M. (1986) – *A Economia Antiga*. Porto: Afrontamento, 2.^a edição.
- Fonseca, C.; Bettencourt, J.; Quilhó, T. (2013) – Entalhes, Mechas e Cavilhas: evidências de um navio romano na praça D. Luís I (Lisboa). In Arnaud, J.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses – Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1185-1191.
- Freire, J.; Farinha, N.; Fialho, A.; Correia, F. (2007) – Contributo para o Estudo da Tecnologia Naval Romana, a Partir da Reconstrução Gráfica de um Navio Tipo *Corbita*. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 46, pp. 275-284.
- Freire, J.; Fialho, A. (2012) – Paisagem Cultural Marítima. Uma primeira aproximação ao litoral de Cascais. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. A., coords. – *Velhos e Novos Mundos. Congresso Internacional de Arqueologia Moderna. Lisboa. 6 a 9 de abril de 2011.* (ArqueoArte; 1). Lisboa / Ponta Delgada: CHAM – Centro de História de Além-Mar | Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores. II, pp. 605-612.
- Freire, J.; Fialho, A. (2013) – A Paisagem Cultural Marítima de Cascais e o Modelo de Investigação e de Gestão do Litoral. In Arnaud, J.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses – Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1213-1220.
- Freire, J.; Lacerda, M.; Gonçalves, J. A.; Cardoso, J. P.; Fialho, A. (2014) – A navegação romana no litoral de Cascais. Uma leitura a partir dos novos achados ao Largo da Guia. *Al-Madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 19: I, pp. 36-43. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/almadan/docs/al_madanonline19_1).
- Freire, J. P.; Passos, C. (1933) – *Mafra. Notícia histórico-arqueológica e artística da vila e do paço conventual*. Porto: Litografia Nacional-Edições.
- Fulford, M. G.; Peacock, D. P. S., eds. (1984) – *Excavations at Carthage: the British mission. The Avenue President Habib Bourguiba, Salamambo: The pottery and other ceramic objects from the site*. Londres: The British Academy, I: 2.

- Gabriel, S. (2013) – *A produção de preparados piscícolas em Tróia (Grândola). Estudo de três amostras provenientes da Oficina 2* (Trabalhos do LARC; 1). Unpublished technical report. Lisboa: Laboratório de Arqueociências (LARC) / Direção-Geral do Património Cultural.
- Gabriel, S.; Fabião, C.; Filipe, I. (2009) – Fish remains from the Casa do Governador – a Roman fish processing factory in Lusitania. In Makowiecki, D.; Hamilton-Dyer, S.; Riddler, I.; Trzaska-Nartowski, N.; Makohonienko, M., eds. – *Fishes, culture, environment: through archaeoichthyology, ethnography & history: the 15th Meeting of the ICAZ Fish Remains Working Group (FRWG), September 3-9, 2009 in Poznań and Toruń, Poland* (Środowisko I Kultura | Environment and Culture; 7). Poznań: Bogucki Wydawnictwo Naukowe, pp. 117-119.
- Gabriel, S.; Silva, C. T. (2016) – Fish Bones and Amphorae: New Evidence for the Production and Trade of Fish Products in Setúbal (Portugal). In Pinto, I. V.; Almeida, R. R.; Martin, A., eds. – *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 10). Oxford: Archaeopress Publishing Ltd.
- Gandra, M. J. (2014) – *A freguesia da Carvoeira (Maфра) de lés a lés*. Maфра / Rio de Janeiro: Instituto Mukharajj Brasilan & Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica-Cesdies.
- Gandra, M. J.; Caetano, A. (1995) – Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Maфра. *Boletim Cultural* 94. Maфра: Câmara Municipal, pp. 243-306.
- García Figuerola, M. (1999) – *Cuatro estudios sobre AE2 teodosiano y su circulación en Hispania* (BAR International Series; 802). Oxford: Archaeopress.
- García Jenez, I.; Zuleta Alejandro, F.; Prieto Reina, O. (2004) – El yacimiento romano de El Torno-Cementerio de San Isidro del Guadalete. In Bernal, D.; Lagóstena, L., eds. – *Figlina e Baeticae: Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.-VII d.C.)* (BAR International Series; 1266). Oxford: Archaeopress, 2, pp. 663-672.
- García Moreno, L. (1995) – Las Navegaciones Romanas por el Atlántico Norte: imperialismo y geografía fantástica. In Alonso Troncoso, V., coord. – *Guerra, Exploraciones y Navegación: del Mundo Antiguo a la Edad Moderna*. Coruña: Universidade da Coruña, pp. 101-110.
- García Vargas, E. (2015) – Ánforas vinarias de los contextos severianos del Patio de Banderas de Sevilla. In Aguilera Aragón, I.; Beltrán Lloris, F.; Dueñas Jiménez, M. J.; Lomba Serrano, C.; Paz Peralta, J. Á., eds. – *De las ánforas al museo. Estudios dedicados a Miguel Beltrán Lloris*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, pp. 395-412.
- García Vargas, E.; Almeida, R. R.; González Cesteros, H. (2011) – Los tipos anfóricos del Guadalquivir en el marco de los envases hispanos del siglo I a.C. Un universo heterogéneo entre la imitación y la estandarización. *Spal. Revista de Prehistoria y Arqueología*. Sevilla: Universidad de Sevilla. 20, pp. 185-283.
- Gaspar, A.; Gomes A. (2015) – Cerâmicas comuns da Antiguidade Tardia provenientes do Claustro da Sé de Lisboa – Portugal. In *Actas do X Congresso Internacional Cerâmica Medieval no Mediterrâneo, Silves e Mértola, 22 a 27 de Outubro de 2012*. Silves/Mértola: Câmara Municipal de Silves / Campo Arqueológico de Mértola, pp. 689-698.
- Golani, A. (2013) – *Jewelry from the Iron Age II Levant* (Orbis Biblicus et Orientalis: Series Archaeologica; 34). Fribourg: Academic Press Fribourg / Vandenhoeck and Ruprecht Göttingen.
- Gomes, S.; Ponce, M.; Filipe, V. (2017) – A intervenção arqueológica no âmbito do projecto de arquitectura “Apartamentos Pedras Negras”. In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R. B., eds. – *Actas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26-28 de Novembro de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 348-365
- Gonçalves, A. (2011) – *A Necrópole Romana do Casal do Rebolo (Almargem do Bispo, Sintra)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, H. B. (2005) – Identificação mineralógica de uma conta do povoado do Álamo (Sobral da Adiça, Moura). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8: 1, pp. 147-149.
- Gonçalves, J. A. (2013) – *Guia, Cepos de Chumbo. Relatório do estado de conservação e de intervenção de conservação e restauro*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- Gonçalves, R.; Carvalho, J.; Torres, L.; Victor, L. M.; Raposo, J.; Sabrosa, A. (2000) – Métodos sísmicos e geoelectricos na detecção de galerias mineiras abandonadas. In *Resumos: 2.ª Assembleia Luso-Espanhola de Geodesia e Geofísica. Lagos. 8-12 Fevereiro 2000*. Universitas Olisiponensis / IGIDL, pp. 295-296.
- Gray, M. (2004) – *Geodiversity, valuing and conserving abiotic nature*. Chichester: Wiley & Sons, 434 pp.
- Grilo, C. (2013) – As lucernas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 16, pp. 277-292.
- Grilo, C. (2014) – As cerâmicas de inspiração de sigillata do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, Lisboa. Primeira sistematização. In Morais, R.; Fernández Fernández, A.; Sousa, M. J., coords. – *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia* (Monografias Ex Oficina Hispana; II-2). Porto/Madrid: Faculdade Letras da Universidade do Porto / Ex Oficina Hispana, Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH), pp. 85-98.
- Grilo, C. (2016) – A cerâmica comum de produção local e regional do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, Lisboa. Os contextos fabris. In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R. B., eds. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26-28*

- de Novembro de 2015). Lisboa: CAL/DPC/DMC/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 254-271.
- Grilo, C. (2020) – A cerâmica em Felicitas Iulia Olisipo, formas, funções e decorações. In Fernandes, L.; Fernandes, P. A., coords. – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: A capital urbana de um município de cidadãos romanos, espaço(s) de representação e cidadania*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio, pp. 162-173.
- Grilo, C.; Fabião, C.; Bugalhão, J. (2013) – Um contexto tardo-antigo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (NARC), Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; César Neves, C., coords. – *Arqueologia em Portugal: 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. 21-24 de Novembro de 2013*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 849-857.
- Grilo, C.; Fonseca, C.; Fernandes, L. (no prelo) – O espólio da intervenção da Rua da Saudade n.º 6: contextos crono-estratigráficos dos séculos I e II d.C. em *Felicitas Iulia Olisipo*. Monografias da SECAH.
- Grilo, C.; Santos, C. (2016-17) – A cerâmica comum da villa romana de Povos. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, pp. 86-115.
- Grimal, P.; Monod, T. (1952) – Sur la véritable nature du « garum ». *Revue des Études Anciennes*. Presses Universitaires de Bordeaux. LIV (1-2), pp. 27-38.
- Guerra, A. (1995) – *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Edições Colibri.
- Guerra, A. (2003) – Algumas notas sobre o mundo rural do território olisiponense e as suas gentes. In Santos, A. R. dos; Rodrigues, N. S.; Resende, T. K.; Guerra, A., coords. – *Mundo Antigo. Economia Rural*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 123-150.
- Guerra, A. (2004) – *Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 7: 2, pp. 217-235.
- Guerra, A. (2006) – Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR, I.P. 9 (2), pp. 271-297.
- Guerra, A. (2018) – O contributo da epigrafia de Olisipo e do seu território para estudo da mobilidade no período romano. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., coords. – *Fragmentos de Arqueologia: Meios Vias e Trajetos... Entrar e Sair de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 52-63.
- Guerra, A.; Cachão, M.; Freitas, M. C., coords. (2019) – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: O Território e a Memória*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio.
- Guerra, A.; Grilo, C. (no prelo) – 82. Almofariz com inscrição grega ΛΑΔΑ ΤΟC. Catálogo do NARC.
- Guiraud, H. (1996) – *Intailles et Camées Romains* (Collection Antiqua). Paris: Picard.
- Günther, R. T. (1987) – The oyster culture of the ancient Romans. *Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press. 4 (4), pp. 360-365.
- Harrell, J. A. (2012) – Gemstones. In Wendrich, W. ed. – *UCLA Encyclopedia of Egyptology*. Los Angeles: University of California. Disponível em WWW: (URL: <http://digital2.library.ucla.edu/viewItem.do?ark=21198/zz002czx1r>).
- Harrell, J. A.; Hoffmeier, J. K.; Williams, K. F. (2017) – Hebrew Gemstones in the Old Testament: A Lexical, Geological, and Archaeological Analysis. *Bulletin for Biblical Research*. Pennsylvania: Eisenbrauns / Penn State University Press. 27 (1), pp. 1-52.
- Hayes, J. W. (1972) – *Late Roman pottery*. London: The British School at Rome.
- Hayes, J. W. (2008) – *Roman pottery. Fine-ware imports* (Athenian Agora; XXXII) Princeton/New Jersey: The American School of Classical Studies at Athens.
- Henig, M. (1974) – *A Corpus of Roman Engraved Gemstones from British Sites: Part 2 Catalogue and Plates* (BAR British Series; 8). Oxford: British Archaeological Reports.
- Henig, M. (1990) – *The Content Family Collection of Ancient Cameos*. Oxford (England): Ashmolean Museum / Houlton, Maine (USA): Derek J. Content.
- Henriques, F.; Raposo, J. (2006) – Nota introdutória. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª série. 14, p. 54.
- Hübner, E. (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum II. Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: De Gruyter.
- Instituto Geológico e Mineiro (1999) – *Trabalhos de Sísmica de Reflexão e de Geoelectrica para a Detecção de Cavidades na Pista de Atletismo "Carla Sacramento" (Cruz de Pau, Seixal)*. Lisboa: IGM – Divisão de Geofísica [relatório não publicado].
- Joaquim, T. (1983) – *DAR À LUZ: Ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto*. Amadora: Publicações Dom Quixote.
- Jorge, A. M. C. M. (2002) – *L'épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité tardive (III – VII ème siècles)* (Trabalhos de Arqueologia; 21). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Juan Tovar, L. C. (2012) – Las cerámicas imitación de *sigillata* (CIS) en la Meseta norte durante el siglo V: nuevos testimonios y precisiones cronológicas. In Fernández Ibáñez, C.; Bohigas Roldán, R., coords. – *Durii regione romanitas. Estudios sobre la presencia romana en el valle del Duero en homenaje a Javier Cortes Alvarez de Miranda*. Palencia / Santander: Diputación Provincial de Palencia / Instituto de Prehistoria y Arqueología Sautuola, pp. 365-372.

- Kapitan, G. (1984) – Ancient anchors: technology and classification. *International Journal of Nautical Archaeology*. England, Portsmouth: Nautical Archaeology Society. 13 (1), pp. 33-34.
- Kunz, J. B. (1915) – *The Magic of Jewels and Charms*. Philadelphia & London: J. B. Lippincott Company.
- Lagóstena Barrios, L. (2001) – *La producción de salsas y conservas de pescado en la Hispania Romana (II a.C.-VI d.C.)* (Col.lecció Instrumenta; 11). Barcelona: Universitat de Barcelona.
- Leão, D. F. (2004) – *Aristóteles, Os Económicos* (Introdução, notas e tradução). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa / Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Leeuwaarden, W.V.; Janssen, C.R. (1985) – A preliminary palynological study of peat deposits near an oppidum in the lower Tagus valley, Portugal. In *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa: Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário, pp. 225-236.
- Leitão, E.; Didelet, C.; Cardoso, G. (2017) – Análise espacial da área do município de Lisboa durante a Pré-história recente. In *Atas do III Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição – Estratégias de Povoamento: Da Pré-História à Proto-História* (Scientia Antiquitatis; 1). Évora: Universidade de Évora, pp. 155-176.
- Leitão, E.; Didelet, C.; Cardoso, G. (2018) – As Grutas do Vale de Alcântara. *Al Madan online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 22: 2, pp. 58-71. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline22_2).
- Leite, P. P. (2009) – *Memória da Herdade de Rio Frio*. Lisboa: Marca d'Água – Publicações e Projectos. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/39fRwQs>).
- Lencastre, J. (1999) – *Relatório de Mineralometria: Cruz de Pau*. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro – Ministério da Economia, DPMM / Laboratório de Mineralometria [relatório não publicado].
- Leveau, P., ed. (1985) – *L'Origine des richesses dépensées dans la ville antique (Actes du Colloque organisé à Aix-en-Provence 1984)*. Aix-en-Provence: Université de Provence.
- Lopes, F. M. P. (1996) – Quadros sinópticos e mapas relativos aos subsídios para a carta arqueológica do concelho de Mafra. *Boletim Cultural* 95. Mafra: Câmara Municipal, pp. 228-257.
- Lucas, A. (1934) – *Ancient Egyptian materials and industries*. London: E. Arnold & Company.
- Maciel, M. J.; Coutinho, H. (2001) – A utilização dos mármore em Portugal na época romana. *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto [Consult. 30 novembro 2020]. Disponível em WWW: (URL: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2860.pdf>).
- Mackensen, M. (2003) – Production of 3rd century sigillata A/C (C1-C2) or “El-Aouja ware and its transition to sigillata C3 with appliqué-decoration in central Tunisia. In *Rei Cretariae Romanae Fautores Acta 38: XXIIIrd Internacional Congress. Rome, 29. 9. – 6. 10. 2002*. Abingdon: RCRF, pp. 279-286.
- Mackinnon, M. (2010) – ‘Sick as a dog’: zooarchaeological evidence for pet dog health and welfare in the Roman world. *World Archaeology*. Oxfordshire: Routledge / Taylor & Francis Group. 42 (2), pp. 290-309.
- Man, A. (2006) – *Tratado de Ciência Militar. Vegécio*. Tradução, Estudo Introdutório e Notas (Clássicos do pensamento estratégico; 14). Lisboa: Edições Sílabo.
- Manique, L. P. (1947) – No oitavo centenário da tomada de Mafra aos Mouros – O castelo de Mafra. *Da Estremadura: Boletim da Junta de Província da Estremadura*. Lisboa: Edições da Junta de Província da Estremadura. 2.^a Série. XIV, pp.73-83.
- Mantas, V. (1982) – Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XXI, pp. 5-99.
- Mantas, V. (1985) – Três inscrições romanas do concelho de Torres Vedras. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XXIV, pp. 125-149.
- Mantas, V. (1990) – As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les Villes de Lusitanie Romaine: hiérarchies et territoires. Table Ronde internationale du CNRS. Talence. 8-9 décembre 1988* (Collection de la Maison des Pays Ibériques). Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, pp. 149-205.
- Mantas, V. (1994) – Olisiponenses: epigrafia e sociedade na Lisboa romana. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa: Electa / Museu Nacional de Arqueologia / Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, pp. 70-75.
- Mantas, V. (1995) – *Tecnologia Naval Romana*. Lisboa: Academia de Marinha.
- Mantas, V. (1998) – Navegação, economia e relações interprovinciais. Lusitânia e Bética. *Hvmanitas*. Coimbra: Universidade de Coimbra. L, pp. 199-239.
- Mantas, V. (2000) – *Portos Marítimos Romanos*. Lisboa: Academia de Marinha.
- Mantas, V. (2002-2003) – O Atlântico e o Império Romano. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Instituto de História Económica e Social / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 36 (2), pp. 445-467.
- Mantas, V. (2004) – Vias e portos na Lusitânia romana. In Gorges, J.-G., Cerrilo, E.; Nogales Basarrate, T., eds. – *V Mesa Redonda Internacional Sobre a Lusitania Romana: Las Comunicaciones. Cáceres. Facultad de Filosofía y Letras. 7, 8, y 9 de noviembre de 2002*. Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 427-453.
- Mantas, V. (2005) – Os magistrados olisiponenses do período romano. In *História das figuras do Poder* (Turres Veteras: VII). Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras e Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, pp. 21-56.

- Mantas, V. (2012a) – A estrada romana de Olisipo a Scalabis. Traçado e vestígios. In Pimenta, J., coord. – *Mesa Redonda “De Olisipo a Ierabriga”* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 7-23.
- Mantas, V. (2012b) – Os miliários como fontes históricas e arqueológicas. *Humanitas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 64, pp. 139-169.
- Mantas, V. (2012c) – *As vias romanas da Lusitânia* (Studia Lusitana; 7). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- Mantas, V. (2014) – Navios e Portos na Antiguidade. In *Catálogo da Exposição: O Tempo Resgatado ao Mar*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 93-97.
- Mantas, V. (2018) – O município de Felicitas Iulia Olisipo e as viagens por terra e por mar. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., coords. – *Fragmentos de Arqueologia: Meios Vias e Trajetos... Entrar e Sair de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 37-51.
- Manuppella, G., coord.; Antunes, M. T.; Pais, J.; Ramalho, M. M.; Rey, J. (1999) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 38B – Setúbal*. Lisboa: Departamento de Geologia, Instituto Geológico e Mineiro.
- Manuppella, G.; Zbyszewski, G.; Choffat, P.; Almeida, F. M. (2011) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 34B – Loures*. Lisboa: Unidade de Geologia e Cartografia Geológica, Laboratório Nacional de Energia e Geologia.
- Marot, T. (2000-2001) – La Península Ibérica en los siglos V-VI: consideraciones sobre provisión, circulación y usos monetários. *Pyrenae*. Barcelona: Universitat de Barcelona / Departament de Prehistòria, Història Antiga i Arqueologia. 31-32, pp. 133-160.
- Marshall, F. H. (1907) – *Catalogue of the Finger Rings, Greek, Etruscan and Roman in the Departments of Antiquities*. London: British Museum.
- Martínez, S.; Gabriel, S.; Bugalhão, J. (2017) – 2500 anos de exploração de recursos aquáticos em Lisboa. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Melo, A. Á. de; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. – *Fragmentos da Arqueologia de Lisboa: Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da Cidade*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 41-54.
- Martínez Maganto, J. (1992) – Las técnicas de pesca en la antigüedad y su implicación económica en el abastecimiento de las industrias de salazón. *Cuadernos de prehistoria y arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid (CuPAUAM)*. Madrid: Departamento de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid. 19, pp. 219-244.
- Mata, J. S. F. (1997) – As marinhas de sal do mosteiro de Santos nos séculos XIV e XV. In Fernandes, I. C. F.; Pacheco, P., coords. – *As Ordens Militares em Portugal e no sul da Europa. Actas do II Encontro sobre Ordens Militares. Palmela. 2, 3 e 4 de Outubro de 1992* (Actas & colóquios; 10). Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela, pp. 205-216.
- Mateus, J. E.; Queiroz, P. F. (1997) – Aspectos do Desenvolvimento, da História e da Evolução da Vegetação do Litoral Norte Alentejano Durante o Holocénico. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. 11-12, pp. 49-68.
- Matias, C. (2004) – Serra do Socorro: uma aproximação à sua caracterização arqueológica no contexto da Estremadura Atlântica. *Boletim Cultural' 2003*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 308-358.
- Matias, C. (2005) – Epigrafia romana de Mafra. *Boletim Cultural' 2004*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 73-131.
- Matias, C. (2019) – Epigrafia romana de Mafra (*in memoriam*). In Caessa, A.; R. Campos, R., coords. – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio, pp. 144-168.
- Matolsci, J. (1970) – Historische Erforschung der Körpergrösse des Rindes auf Grund von ungarischem Knochenmaterial. *Zeitschrift für Tierzucht und Züchtungsbiologie / Journal of Animal Breeding and Genetics*. Wiley. 87, pp. 89-137.
- Matos, J. L. (1994) – As escavações no interior dos Claustros da Sé de Lisboa e o seu contributo para ao conhecimento das origens de Lisboa. In Moita, I., coord. – *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte / Lisboa 94 / Expo 98, pp. 32-34.
- Mattingly, H. (1968) – *The Roman Imperial Coinage, IX. Valentinian I – Theodosius I*. London: Spink & son.
- Mayet, F. (1984) – *Les céramiques sigillées Hispaniques: contribution à l'histoire économique de la Péninsule Iberique sous l'Empire Romain*. (Collection de la Maison des Pays Ibériques; 21). Bordeaux: Publications du Centre Pierre Paris.
- Mayet, F. (1990) – Mérida: capital économique ?. In *Les Villes de La Lusitanie Romaine, Hiérarchies et territoires. Table ronde internationale du Centre National de Recherche Scientifique. Talence 1988*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, pp. 207-212.
- Mayet, F.; Silva, C. T. (1998) – *Latelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Mayet, F.; Silva, C. T. (2002) – *Latelier d'amphores d'Abul (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Mayet, F.; Silva, C. T. (2010) – Production d'amphores et production de salaisons de poisson: rythmes chronologiques sur l'estuaire du Sado. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 49, pp. 119-132.
- Meffre, J.-F.; Rigoir, J.; Rigoir, I. (1973) – Les dérivées des sigillées paléochrétiennes du groupe atlantique. *Gallia*. Paris: CNRS Éditions. 31 (1), pp. 207-263.

- Mercanti, M. P. (1979) – *Ancorae antiquae. Per una cronologia preliminare delle ancore del Mediterraneo*. Roma: l'Erma di Bretschneider.
- Miranda, J. A.; Encarnação, G. (1998) – *Villa romana da Quinta da Bolacha. Campanha de Abril/Maio de 1997* (Relatórios; 4). Amadora: ARQA.
- Miranda, J. A.; Encarnação, G.; Viegas, J. C.; Rocha, E.; Gonzalez, A. (1999) – *Carta Arqueológica da Amadora. Do Paleolítico ao Romano*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Monjardino, J. (2019): Património vegetal de Cascais. In Encarnação, J. d', coord. – *Dos Patrimónios de Cascais. Homenagem a João Cabral. Actas das comemorações dos 20 anos da Associação Cultural de Cascais*. Cascais: Associação Cultural de Cascais, pp. 15-21.
- Monteiro, J. L. (2012) – *Necrópole Romana do Porto dos Cacos (Alcochete, Portugal)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/3fuIe4h>).
- Morais, R. (2005a) – From Oppidum to Dives Bracara: The city trade through the amphorae. In Gurt i Esparraguera, J. M.; Buxeda i Garrigós, J.; Cau Ontiveros, M. A., eds. – *LRCW I, Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae the Mediterranean. Archaeology and Archaeometry* (BAR International Series; 1340). Oxford: BAR Publishing, pp. 55-67.
- Morais, R. (2005b) – *Autarcia e comércio em Bracara Augusta. Contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial (Bracara Augusta)*. Escavações arqueológicas; 2). Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho / Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Morais, R. (2007) – Contributo para o estudo da economia na Lusitania Romana. *Sagvtyvm – Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*. València: Universitat de València, Facultat de Geografia i Història, Departament de Prehistòria i d'Arqueologia. 39, pp. 133-140.
- Morais, R. (2008) – Novos dados sobre as ânforas vinárias béticas de tipo *Urceus*. *SPAL Revista de Prehistoria y Arqueología*. Sevilha: Universidad de Sevilla. 17, pp. 267-280.
- Morais, R.; Fabião, C. (2007) – Novas produções de fabrico lusitano: problemáticas e importância económica. In Lagóstena Barrios, L.; Bernal Casasola, D.; Arévalo González, A., eds. – *Cetariae 2005. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad: Actas del congreso internacional. Cádiz. 7-9 noviembre de 2005* (British Archaeological Reports International Series; 1686). Oxford: John and Erica Hedges Ltd., Universidad de Cádiz, pp. 127-133.
- Morales Muñoz, A.; Albertini, D.; Sancho, F.B.; Cardoso, J. L.; Castaños, P. M.; Liesau von Lettow-Vorbeck, C.; Montero-Ponseti, S.; Nadal Lorenzo, J.; Nicolás Pérez, E.; Pérez Ripoll, M.; Pino Uria, B.; Riquelme Cantal, J. A. (1998) – A preliminary catalogue of Holocene equids from the Iberian Peninsula. In *Atti del XIII Congrès Union Internationale Sciences Préhistoriques et Protohistoriques – UISPP (Forli, Italia, 1996)*. Forli: A.B.A.C.O. Edizioni. 6 (1), pp. 65-81.
- Moreno-García, M.; Gabriel, S. (2001) – *Faunal remains from 3 islamic contexts at Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisbon* (Trabalhos do CIPA; 20). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Morillo Cerdan, A.; Fernández Ochoa, C.; Salido Domínguez, J. (2016) – Hispania and the Atlantic route in Roman times: new approaches to ports and trade. *Oxford Journal of Archaeology*. John Wiley & Sons Ltd. 35 (3), pp. 267-284.
- Mota, N.; Grilo, C.; Almeida, R.; Filipe, V. (2017) – Aponatamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de Olisipo. A intervenção arqueológica na Rua de São Mamede (Via Pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, pp. 149-206.
- Mota, N.; Pimenta, J.; Silva, R. (2014) – Acerca da ocupação romana republicana de Olisipo. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, pp. 149-177.
- Nabais, M. (2014) – Animal bones from the Roman site of Tróia (Grândola, Portugal): mammal and bird remains from the fish salting workshop 2 (2007/08). In Detry, C.; Dias, R., eds. – *Proceedings of the First Zooarchaeology Conference in Portugal*. Oxford: Archaeopress, pp. 69-76.
- Neverov, O. (1976) – *Antique Intaglios in the Hermitage Collection*. Leninegrad: Aurora Art Publishers.
- Nolen, J. (1988) – A villa romana do Alto do Cidreira (Cascais) – Os materiais. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 27, pp. 61-140.
- Núñez Meneses, P. (2014) – La moneda lucense de la caetra. *OMNI – Revista Numismática*. Espanha: Editorial OMNI. 8, pp. 92-117. [Consult. 27 nov. 2020]. Disponível em WWW: (URL: http://www.wikimoneda.com/OMNI/revues/OMNI_8_S12.pdf).
- Oliveira, A. C. (2001) – A *villa* das Almoínhas (Loures, Portugal). Apresentação dos trabalhos desenvolvidos entre 1995 e 1996. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. 4.ª Série. 19, pp. 65-94.
- Oliveira, A. C. (2004) – Notícia sobre Novos Achados Arqueológicos em Loures. In *Arqueologia como Documento* (Catálogo de Exposição). Loures: Câmara Municipal de Loures, pp. 37-38.
- Oliveira, J. A. (1999) – *Organização do espaço e gestão de riquezas: Loures nos séculos XIV e XV*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.
- Osório, M.; Marcos, P. (2018) – A origem do nome do rio Côa, a propósito do estudo da toponímia da antiga

- atividade mineira. *SABUCALE – Revista do Museu do Sabugal*. Sabugal: Museu do Sabugal. 9, pp. 7-54. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/3IAf05t>).
- Pais, J.; Cunha, P.; Legoinha, P.; Dias, R. P.; Pereira, D.; Ramos, A. (2013) – III.6. Cenozóico das Bacias do Douro (sector ocidental), Mondego, Baixo Tejo e Alvalade. In Dias, R.; Araújo, A.; Terrinha, P.; Kullberg, J. C., coords. – *Geologia de Portugal*. Lisboa: Escolar Editora. II, pp. 461-532.
- Pais, J.; Moniz, C.; Cabral, J.; Cardoso, J. L.; Legoinha, P.; Machado, S.; Morais, C. A.; Lourenço, C.; Ribeiro, M. L.; Henriques, P.; Falé, P. (2006) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 34-D Lisboa*. Lisboa: Departamento de Geologia, Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação.
- Panella, C.; Rizzo, G. (2014) – *Ostia VI. Le Terme del Nuotatore*. Roma: “L’Erma” di Betschneider.
- Pannuzi, S. (2013) – La laguna di Ostia: produzione del sale e trasformazione del paesaggio dall’età antica all’età moderna. *Mélanges de l’École française de Rome – Moyen Âge*. Roma: École Française de Rome, 125-2. Disponível em WWW: (URL: <http://journals.openedition.org/mefrm/1507>).
- Parker, A. J. (1992) – *Ancient Shipwrecks of the Mediterranean and the Roman Provinces* (BAR International Series; 580). Oxford: Tempvs Reparatvm.
- Parreira, J.; Macedo, M. (2013) – O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. In Arnaud, J.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 747-754.
- Pascual Barea, J. (2017) – Equi ferus hispanus o cebro ibérico: el caballo salvaje de la Península Ibérica desde la Antigüedad a época Moderna. In Doyen, A. M.; Van den Abeele, B., eds. – *Chevaux, chiens, faucons: L’art vétérinaire antique et médiéval à travers les sources écrites, archéologiques et iconographiques*. (Textes, Études, Congrès; 28). Louvain-la-Neuve: Institut d’études médiévales (UCL), pp. 21-40.
- Pato, H. B. (2014) – Um mito (mal sentado): a cadeira de São Gens. In *Colóquio Conversas da Mouraria: História, Sociedade, Arte. Salão Nobre do Hospital de São José. 9 e 10 de Maio de 2014*. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa. Disponível em WWW: (URL: https://www.academia.edu/37648368/Um_mito_mal_sentado_a_cadeira_de_S%C3%A3o_Gens).
- Peacock, D. P. S. (1977) – Roman amphorae: typology, fabrics and origins. In *Méthodes classiques et méthodes formelles dans l’étude typologique des amphores. Actes du colloque de Rome, 27-29 mai 1974* (Publications de l’École française de Rome; 32). Rome: École Française de Rome, pp. 261-278.
- Peacock, D. P. S. (1982) – *Pottery in the Roman world, an ethnoarchaeological approach*. London and New York: Longman.
- Peacock, D. P. S.; Williams, D. F. (1991) – *Amphorae and the roman economy: an introductory guide*. London: Longman.
- Peña Cervantes, Y. (2010) – *Torcularia. La proucción de vino y aceite en Hispania*. Tarragona: Institut Català d’Arqueologia Clàssica.
- Pereira, A.; Dias, J.; Laranjeira, M. (1994) – Evolução holocénica da linha de costa na baía de Lagos. In *Contribuições para a Geomorfologia e Dinâmica Litorais em Portugal*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, pp. 75-90.
- Pereira, C. (2013) – As lucernas de Alcácer do Sal: entre a prática e o sagrado. *Al-madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 17 (2), pp. 13-28. Disponível em WWW: (URL: Al-Madan Online 17-2 by Al-Madan Online – Issuu).
- Pereira, F. A. (1914) – Por Caminhos da Ericeira. *O Archeólogo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português / Imprensa Nacional. 1.ª série. XIX, pp. 324-362.
- Pereira, G. (1903) – *A Villa da Ericeira*. Lisboa: Typographia do Jornal – Dia.
- Pereira, G. (1910) – *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*. Lisboa: A. M. Teixeira & Ca. (Filhos), Ld.ª.
- Pereira, L. F.; Santos, M. T. (2020) – A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica. In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coords. – *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1547-1572. [Consult. 27 nov. 2020]. Disponível em WWW: (URL: https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/outras_publicacoes/III_congresso_actas/artigos/Art8.4_IIICAAP.pdf).
- Pimenta, J. (2003) – Contribuição para o estudo das ânforas do Castelo de São Jorge (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6 (2), pp. 341-362.
- Pimenta, J. (2005) – *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)* (Trabalhos de Arqueologia; 41). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Pimenta, J., coord. (2013) – *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- Pimenta, J. (2014) – Os Contextos da conquista: Olisipo e Decimo Jvnió Bruto. In Fabião, C.; Pimenta, J., eds. – *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo* (Círculo Arqueologia; 3). Vila Franca de Xira: Museu Municipal / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 44-60.
- Pimenta, J. (2017) – Em Torno dos Mais Antigos Modelos de Ânfora de Produção Lusitana: os dados do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira). In Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., coords. – *Olaria Romana:*

- Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental / Roman Pottery Works: international seminar and experimental archaeological workshop. Actas de seminário/ateliê | proceedings of seminar/workshop.* Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal / Centro de Arqueologia de Almada, pp. 195-206.
- Pimenta, J.; Fabião, C. (no prelo) – Ânforas orientais em *Vlixippona* (Lisboa): a vitalidade da rota atlântica em época pós-romana. In *Simpósio A costa portuguesa no panorama da rota atlântica durante a época romana. Peniche, Auditório Municipal – Edifício Cultural. 16 a 18 de Novembro de 2006.*
- Pimenta, J.; Gaspar, A.; Gomes, A.; Mota, N.; Miranda, P. (2014) – O estabelecimento romano republicano de Olisipo: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (n.º 16-20) – Lisboa. In Fabião, C.; Pimenta, J., eds. – *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo* (Cira Arqueologia; 3). Vila Franca de Xira: Museu Municipal / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 122-148.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2007) – A escavação de um troço da estrada romana Olisipo-Scalabbi, em Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IG-ESPAR, I.P. 10 (2), pp. 189-228.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2014) – Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira. Um sítio singular para o estudo da romanização do Vale do Tejo. In *Actas da II Reunião Científica: As Paisagens da Romanização – Fortins e ocupação do território no séc. II a.C. – I d. C.* (Anejos de Archivo Español de Arqueologia; LXX). Lisboa / Madrid: Instituto de Arqueologia de Mérida / Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), pp. 125-142.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2015) – Em torno do faseamento da ocupação. In Pimenta, J., coord. – *O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira – Em busca de Ierabriga*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 107-111.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2016) – *Projecto PIPA 2014-2018. Monte dos Castelinhos e a romanização do baixo Tejo (MOCRATE). Relatório de Escavação Arqueológica – 2015*. Município de Vila Franca de Xira / Divisão de Património e Museus.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2016/2017) – Cerâmicas romanas provenientes do rio Tejo, no acervo do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Novos e velhos dados. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX. 5, pp. 207-237.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Norton, J. (2008) – O Povoado Tardo-Republicano do Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série, 16, pp. 26-37.
- Pimenta, J.; Ribera I Lacomba, A.; Soria, V. (2018) – Le ceramiche a vernice nera italica dei livelli di fondazione di Olisipo e Valentia (140–130 a.C.). In Bernal Casasola, D.; Cvjeticanin, T.; Duggan, M.; Kenrick, P. M.; Menchelli, S.; Meyer-Freuler, C.; Slane, K. W., eds. – *30th Congress of the Rei CretariÆ RomanÆ Favtorvm. New Perspectives on Roman Pottery: Regional Patterns in a Global Empire. Lisbon, Portugal, 25th September – 2nd October 2016*. Bona: *Rei CretariÆ RomanÆ Favtorvm*. Acta 45, pp. 115-125.
- Pimenta, J.; Silva, R. B.; Calado, M. (2014) – Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo: a intervenção arqueológica urbana da Rua de S. Mamede ao Caldas, n.º 15. In Arruda, A., ed. – *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos (2005)*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. 2, pp. 724-735.
- Pimenta J.; Soria, V.; Mendes H. (2014) – Cerâmicas de verniz negro itálico e imitações em pasta cinzenta de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira. In Fabião, C.; Pimenta, J., eds. – *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo* (Cira Arqueologia; 3). Vila Franca de Xira: Museu Municipal / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 86-121.
- Pinto, A. (2012) – Forno Romano da Pipa. In Pimenta, J., coord. – *Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Scallabis* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Museu Municipal / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 158-167.
- Pinto, I. (2003) – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- Pinto, I. V.; Almeida, R. R.; Martin, A., eds. (2016) – *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 10). Oxford: Archaeopress.
- Pinto, I. V.; Lopes, C. (2006) – Ânforas das *villae* romanas alentejanas de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira), Monte da Cegonha (Selmes, Vidigueira) e Tourega (Nossa Senhora da Tourega, Évora). In *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet. Setúbal, 7-9 Maio 2004* (Setúbal Arqueológica; 13). Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), pp. 197-224.
- Pinto, I. V.; Morais, R. (2007) – Complemento de comércio das ânforas: cerâmica comum bética no território português. In Lagóstena Barrios, L.; Bernal Casasola, D.; Arévalo, A., eds. – *Cetariae, salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad* (BAR International series, 1686). Oxford / Cádiz: Archaeopress / Universidad de Cádiz, pp. 235-254.
- Pinto, R. de S. (1932) – Etnografia arqueológica: I – antigas contas empregadas como amuletos. *Trabalhos da*

- Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto: Imprensa Portuguesa. III (V), pp. 1-7.
- Pires, A. E.; Detry, C.; Fernandez-Rodriguez, C.; Arruda, A. M.; De Grossi Mazzorin, J.; Valenzuela, S.; Ollivier, M.; Hänni, C.; Simões, F.; Ginja, C. (2017) – Roman dogs from the Iberian Peninsula and the Maghreb – a glimpse into their morphology and genetics. *Quaternary International*. Elsevier Ltd. and International Union for Quaternary Research. 471, pp. 132-146.
- Pires, A. T. (1904) – *Amuletos alentejanos* (Estudos e Notas Elvenses; 5). Elvas: Editor António José Torres de Carvalho.
- Pliego Vázquez, R. (2015-2016) – The circulation of copper coins in the Iberian Peninsula during the Visigothic Period: new approaches. *The Journal of Numismatic Archaeology*. Bruxelles: CEN – Centre Européen d'Études Numismatiques. 5-6, pp. 125-160.
- Pomey, P., dir.; Nieto, X.; Gianfrotta, P. A.; Tchernia, A. (1997) – *La Navigation dans L'Antiquité*. Saint-Rémy-de-Provence (France): Édisud.
- Ponsich, M. (1988) – *Aceite de oliva y salazones de pescado. Factores geo-economicos de Betica y Tingitana*. Madrid: Universidade Complutense.
- Ponsich, M.; Tarradell, M. (1965) – *Garum et industries antiques de salaison dans la Méditerranée Occidentale*. Paris: Press Universitaire de France.
- Público (1992) – *Uma surpresa romana*. Lisboa, 03/11/1992.
- Quaresma, J. C. (2006) – Almofarizes béticos e lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR, I.P. 9 (1), pp. 149-166.
- Quaresma, J. C. (2011) – Chronologie finale de la sigillée africaine A à partir des contextes de Chãos Salgados (*Mirobriga?*): différences chronologiques entre l'Orient et l'Occident de l'Empire Romain. In Cau Ontiveros, M. A.; Reynolds, P.; Bonifay, M., eds. – *LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology. A review of the evidence, debate and new contexts* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 1). Oxford: Archaeopress, pp. 67-86.
- Quaresma, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)* (Estudos e Memórias; 4). Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Quaresma, J. C. (2017a) – A evolução crono-estratigráfica do atelier da Quinta do Rouxinol (Seixal): segundo quartel do século III aos inícios do segundo quartel do século V. In Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., coords. – *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental. Seixal. 17 a 20 de Fevereiro de 2010*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal, pp. 275-306. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/2SiGf8F>).
- Quaresma, J. C. (2017b) – A villa de Frielas na Antiguidade Tardia: evolução estratigráfica entre c. 410 e 525-550 d.C. In Billota, M. A.; Tente, C.; Prata, S., eds. – *O estudo dos manuscritos iluminados e dos artefactos na Arqueologia da Idade Média: metodologias em comparação / Lo studio dei maniscritti e lo studio dei manufatti in archeologia medieval: metodologie a confronto. Atti del workshop internazionale*. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 13 de Fevereiro 2015 (Mediaeval Sophia; 19). Palermo: Officina di Studi Medievali, pp. 425-448.
- Quaresma, J. C. (2017c) – Quinta da Bolacha (Amadora, Lisbonne): la céramique de la villa (dernier tiers du III.^e s. au premier quart du VI.^e s.). In Dixneuf, D., ed. – *LRCW 5-1. 5th International Conference on Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean. Archaeology and Archaeometry. Alexandria. 6-10th April* (Etudes Alexandrines; 44). Alexandria: Centres d'Études Aléxandrines, pp. 43-89.
- Quaresma, J. C. (2018) – Transição estratigráfica em Almoínhas (Loures, Portugal): evolução das importações finas na Lusitania entre c.100 e c.320 d.C. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 6, pp. 199-230.
- Quaresma, J. C. (2018-2019) – From Late Roman to Suevic-Visigothic period at Almoínhas (Loures, Portugal): evolution of fine ware imports and regional imitations between c.350 and 525+ AD. *Oppidum. Cuadernos de Investigación*. Segovia: IE Universidad. 14-15, pp. 255-294.
- Quaresma, J. C. (2019) – Almoínhas: evolução crono-estratigráfica das importações num sítio de consumo da Península de Lisboa, entre c.100 e 525-550 d.C. In Fernández García, M. I.; Gómez Martínez, E., eds. – *La cerámica de mesa romana en sus ámbitos de uso. Terra sigillata hispánica. I Encuentro de Investigadores. Andújar. 19 y 20 de octubre de 2018*. Andújar: Ayuntamiento de Andújar, pp. 299-348.
- Quaresma, J. C. (2020a) – African cooking ware imports and regional imitations between c.100+ and 500+ AD at Almoínhas (Loures, Portugal). In Pérez Gonzáles, C.; Arribas Lobo, P.; Reyes Hernando, O. V., eds. – *Estudios y recuerdos in memoriam Prof. Emilio Illarregui Gómez* (Anejos de Oppidum; 7). Segovia: IE Universidad / Unidad de Arqueología, pp. 277-291.
- Quaresma, J. C. (2020b) – Late contexts from Olisipo (Lisbon, Portugal): Escadinhas de São Crispim. In Duggan, M.; Turner, S.; Jackson, M., eds. – *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and early medieval imported pottery on the Atlantic Seaboard. International Symposium. Newcastle University. March 26-27th 2014* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 15). Oxford: Archaeopress Publishing Ltd., pp. 108-134.
- Quaresma, J. C.; António, J. (2017) – Importações cerâmicas no interior da Lusitania durante a Antiguidade

- Tardia: tendências e cronologias da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abeltherium*). *Pyrenae*. Barcelona: Universitat de Barcelona. 48 (2), pp. 53-122.
- Quaresma, J. C.; Morais, R. (2012) – Eastern Late Roman fine ware imports in *Bracara Augusta* (Portugal). In *XXVIIth Congress of the Rei Cretariae Romanae Fautores. Belgrado. 19 a 24 de Setembro de 2010*. Rei Cretariae Romanae Fautores (RCRF), Acta 42, pp. 373-384.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B. (2019) – An overview on oriental commerce in the Tagus estuary region: 5th and 6th century AD late Phocaean (Irc) and Cypriot (Ird) Tableware. *RES Antiquitatis*. Lisboa: CHAM-FCSH / Universidade Nova de Lisboa | Universidade dos Açores. 1, pp. 82-103.
- Queirós, A.; Gonzalez, A.; Santos, M. C.; Correia, R. (2018) – *Carta do património do Concelho da Moita*. Moita: Câmara Municipal da Moita / DASC / Divisão de Cultura, 1.
- Queiroz, P. F. (2007) – *Estudo Arqueobotânico de materiais recolhidos na estação romana do Pátio da Senhora de Murça, Alfama, Lisboa* (Trabalhos do CIPA; 112). Lisboa: CIPA – IPA.
- Queiroz, P. F. (2009) – Estudo arqueobotânico do depósito do silo 1, sondagem 10. In Batalha, L.; Cardoso, G.; Caninas, J. C.; Monteiro, M., coords. – *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*. *Trabalhos Arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL*. Lisboa: EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres SA, pp. 155-187.
- Queiroz, P. F.; Leuwarden, W.V. (2002) – *Estudos de arqueobotânica no concheiro de São Julião, Mafra* (Trabalhos do CIPA; 33). Lisboa: CIPA – IPA.
- Queiroz, P. F.; Mateus, J. E. (2006) – *Acerca das grainhas de uva da idade do ferro de Castro Marim* (Trabalhos do CIPA; 105). Lisboa: CIPA – IPA.
- Queiroz, P. F.; Mateus, J. E.; Mendes, P. M.; Leuwarden, W.V.; Pereira, T.; Dise, D. P. (2006) – *Castro Marim e o seu território imediato durante a Antiguidade: paleo-etno-botânica – Relatório Final* (Trabalhos do CIPA; 95). Lisboa: CIPA – IPA.
- Ramalho, M.; Pais, J.; Rey, J.; Berthou, P.Y.; Alves, C. A.; Palácios, T.; Leal, N.; Kullberg, M. C. (1993) – *Carta Geológica de Portugal na Escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 34-A*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- Ramalho, M.; Rey, J.; Zbyszewski, G.; Alves, C. A.; Palácios, T.; Moitinho de Almeida, F.; Costa, C.; Kullberg, M. (2001) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 34-C Cascais*. Lisboa: Departamento de Geologia, Instituto Geológico e Mineiro.
- Ramón Torres, J. (1995) – *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental* (Col.lecció Instrumenta; 2). Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona.
- Raposo, J. (1990) – Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas no Vale do Tejo. In Alarcão, A.; Mayet, F., eds. – *Ânforas Lusitanas. Tipologia, produção, comércio / Les Amphores Lusitaniennes: typologie, production, commerce*. Coimbra / Paris: Museu Monográfico de Coimbriga / Diff. E. de Boccard.
- Raposo, J. (2017) – As Olarias Romanas do Estuário do Tejo: Porto dos Cacos (Alcochete) e Quinta do Rouxinol (Seixal). In Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., coords. – *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal / Centro de Arqueologia de Almada, pp. 113-138. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/2SiGf8F>).
- Raposo, J.; Duarte, A. L. (1996) – O Forno 2 do Porto dos Cacos (Alcochete). In Filipe, G.; Raposo, J., eds. – *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado. Actas das primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote, pp. 249-266.
- Raposo, J.; Fabião, C.; Guerra, A.; Bugalhão, J.; Duarte, A. L.; Sabrosa, A.; Dias, M. I.; Pudêncio, M. I. (2005) – OREsT Project: archaeological and archaeometric research in the low Tejo. In Gurt I Esparraguera, J. M.; Buxeda I Garrigós, J.; Cau Ontiveros, M. A., eds. – *LRCW 1 – First International Conference on Late Roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean: archaeology and archaeometry (Barcelona, 2002)* (BAR International Series; 1340). Oxford: BAR Publishing, pp. 37-54.
- Raposo, J.; Sabrosa, A.; Duarte, A. L. (1995) – Ânforas do Vale do Tejo. As Olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete). In *Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993)*. Porto: SPAE, pp. 331-352.
- Raposo, J.; Santos, C.; Quaresma, J. C. (2018) – Ateliê da Quinta do Rouxinol (Baixo Tejo – *Lusitania*): produção de ânforas, cerâmica comum e imitações de engobe vermelho não vitrificado. In Járrega Domínguez, R.; Colom Mendoza, E., eds. – *“Figlinae Hispaniae”. Nuevas aportaciones al estudio de los talleres cerámicos de la Hispania romana* (Colección Trama; 6). Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 29-75.
- Rapp, G. (2009) – *Archaeomineralogy*. Berlin, Heidelberg: Springer-Verlag, 2.ª edição.
- Remesal Rodríguez, J. (1986) – *La annona militaris y la exportación del aceite bético a Germania*. Madrid: Universidad Complutense.
- Remesal Rodríguez, J. (2010) – De Baetica a Germania, consideraciones sobre la ruta y el comercio atlántico en el Imperio Romano. In Marco Simón, F.; Pina Polo, F.; Remesal Rodríguez, J., eds. – *Viajeros, peregrinos y aventureros en el mundo antiguo*. Barcelona: Publicacions I Edicions de la Universitat de Barcelona, pp. 147-160.
- Remolà Vallverdú, J. A. (2000) – *Las ánforas tardo-antiguas en Tarraco (Hispania Tarraconensis)*. *Proyecto*

- Amphorae. Bajo los auspicios de la Real Academia de la Historia* (Col-lecció Instrumenta; 7). Barcelona: Universitat de Barcelona.
- Reynolds, P. (1995) – *Trade in the Western Mediterranean. A.D. 400-700: the ceramic evidence* (Tempvs Reparatum / BAR IS; 604). Oxford: British Archaeological Reports.
- Reynolds, P. (2010) – *Hispania and the Roman Mediterranean. AD 100-700. Ceramics and trade*. London: Duckworth.
- Ribeiro, J. C. (1982-1983) – Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de L. Iulius Maelo Caudicus. *Sintria*. Sintra: Gabinete de Estudos de Arqueologia, Arte e Etnografia. Museu Regional de Sintra – Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. I-II, pp. 151-476.
- Ribeiro, J. C. (1990) – *Romanização e Romanidade na «Zona W» do Município Olisiponense*. Sintra: Jornal de Sintra, 9 de março, Fig. 42.
- Ribeiro, L. (1936) – *Alenquer: Subsídios para a sua história*. Lisboa: Câmara Municipal de Alenquer.
- Ribeiro, O. (1940) – Remarques sur la morphologie de la région de Sintra et Cascais. *Revue géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest*. Toulouse: Instituts de Géographie des Universités de Toulouse. 11 (3-4), pp. 203-218.
- Ribeiro, O (1977) – *Introduções Geográficas à História de Portugal. Estudo Crítico* (Coleção Estudos Portugueses; 3). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Ribeiro, O ([1978] s/d) – *Geografia e Civilização: Temas Portugueses* (Espaço e Sociedade; 2). Lisboa: Livros Horizonte.
- Rich, J.; Wallace-Hadrill, A., eds. (1991) – *City and Country in the Ancient World*. London / New York: Routledge.
- Ripollès Alegre, P. P. (2002) – La moneda romana imperial y su circulación en Hispania. *AEspA*. Madrid: Editorial CSIC. 75, pp. 195-214.
- Rocha, A., Reprezas, J.; Miguez, J.; Inocêncio, J. (2013) – Edifício sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In *Arqueologia em Portugal: 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP, pp. 1011-1018.
- Rocha, A.; Santos, C. (2018) – *Alteração e ampliação de edifício sito na Rua de Santa Marta, n.º 25 – 25A, e Rua Rodrigues Sampaio, n.º 48 (Lisboa). Sondagens Prévias de Diagnóstico. Relatório Preliminar n.º 3*. Lisboa: Arqueohoje – Conservação e Restauro Património Monumental, Lda. Disponível no Arquivo de Arqueologia da DGPC.
- Rodrigues, J. B. (1899) – *O Muyrakytã e os Idolos Symbolicos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, I.
- Rodriguez González, X. (2008) – Moneda de la caetra. Dupondio. In *Pieza del Mês: Noviembre 2008*. Ourense: Museo Arqueológico Provincial [Consult. 30 nov. 2020]. Disponível em WWW: (URL: http://www.musarqourense.xunta.es/wp-content/files_mf/pm_2008_11esp33.pdf).
- Rosenmüller, J. C.; Tilesius, W. G. (1799) – *Beschreibung merkwürdiger Höhlen. Ein Beitrag zur physikalischen Geschichte der Erde*. Leipzig: Breitkopf und Härtel.
- Ruivo, J. (1993-1997) – Circulação monetária na Estremadura portuguesa até aos inícios do século III. *Nummus*. Porto: Sociedade Portuguesa da Numismática. 5, pp. 7-175.
- Ruivo, J. (2008) – *Circulação monetária na Lusitânia do século III*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Rütti, B. (1991) – *Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst* (Forschungen in Augst; Band 13/1). Augst: Römermuseum Augst.
- Saa, M. de (1960) – *As grandes vias da Lusitania. O itinerário de Antonino Pio, III*. Lisboa: Tipografia da Sociedade Astória.
- Saa, M. de (1967) – *As grandes vias da Lusitânia: O itinerário de Antonino Pio, VI*. Lisboa: Tipografia da Sociedade Astória.
- Sabrosa, A. (2006) – O complexo mineiro de Vale de Gatos (Corroios, Seixal). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª série. 14, pp. 53-59.
- Sabrosa, A.; Bugalhão, J. (2004) – As ânforas béticas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, Lisboa. In Bernal, D.; Lagóstena, L., eds. – *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.-IV d.C.)* (BAR –IS; 1266). Oxford: Archaeopress, pp. 571-586.
- Sabrosa, A.; Henriques, E.; Carvalho, E.; Germano, A. (2012) – Os fornos romanos da Quinta da Granja (Cachoeiras, Vila Franca de Xira) e Quinta de Santo António (Carregado, Alenquer). In Pimenta, J., coord. – *Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Scallabis* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Museu Municipal / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 148-157.
- Salgueiro, R.; Chichorro, M.; Martins, L. (2000) – Ocorrência de ouro nos depósitos pliocénicos da região de Cruz de Pau (Seixal). *Ciências da Terra*. Lisboa: Universidade Nova. 14, 203-212. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/3g6DTVk>).
- San Vicente, J. I. (1999) – *Circulación monetaria en Hispania durante el siglo IV d.C.* Madrid: Museo Casa de la Moneda.
- Santos, A. B. (2015) – *A Terra Sigillata e a cerâmica de cozinha africana do Edifício Sede do Banco de Portugal (Lisboa)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível no Repositório Institucional da FLUL em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/24534>).
- Santos, A. B. (2018) – Estudo dos restos faunísticos recuperados em RP'51-RSJ'106 – Criptopórtico. In Mota, N.; Nozes, C.; Caessa, A. – *Intervenção arqueológica na Rua da Prata, 45-51/ Rua de São Julião, 86-106 (Santa Maria Maior/ Lisboa), RP51-RSJ106*. Relatório Final [Policopiado]. Anexo VIII.

- Santos, A. B.; Mota, N. (2020) – Zooarchaeological study of the animal remains from the Roman period recovered in Rua de São Mamede (Lisbon, Portugal). In Valente, M. J.; Costa, C.; Detry, C., eds. – *New Trends in Iberian Zooarchaeology*. Oxford: Archaeopress.
- Santos, A. B.; Pereira, A.; Gomes, J.; Monteiro, N.; Pimenta, J.; Detry, C. (2018) – Estudo das faunas do período Republicano do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira, Portugal). *CIRA Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 6, pp. 100-126.
- Santos, C. (2009) – *Villa romana da Quinta de São João/Laranjeira: enquadramento estratigráfico dos materiais datantes*. Seminário de curso. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Santos, C. (2011) – *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível no Repositório Institucional da FLUL em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/6119>).
- Santos, C.; Raposo, J. (2001) – Novas Galerias em Coina. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª série. 10, p. 12.
- Santos, C.; Raposo, J.; Quaresma, J. C. (2015) – Análise crono-estratigráfica da olaria romana da Quinta do Rouxinol (Corroios, Seixal): séculos III-V. In Quaresma, J. C.; Marques, J., coords. – *Contextos estratigráficos de época romana na Lusitania (do Alto Império à Antiguidade Tardia): Actas do Colóquio. Associação dos Arqueólogos Portugueses. 24 de Novembro de 2012* (Monografias AAP; 1). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 117-148.
- Scheidel, W. (2013) – Explaining the maritime freight charges in Diocletian's Prices Edict. *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge: University Press. 26, pp. 464-468.
- Sepúlveda, E.; Bolila, C. (2020) – A cerâmica fina do Teatro de Olisipo. *Scaena Revista do Museu de Lisboa Teatro Romano*. Lisboa: Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC. 1, pp. 120-135.
- Sepúlveda, E.; Bolila, C.; Santos, R. (2014-2015) – LRC (PRSW) e LRD (CRSW) provenientes da escavação de emergência efetuada na villa romana do Alto do Cidreira (Cascais). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série V. 4/5, pp. 357-393.
- Sepúlveda, E.; Ribeiro, I. (2009) – O espólio de cerâmicas finas de mesa, vidros e lucernas. In Batalha, L.; Cardoso, G.; Caninas, J. C.; Monteiro M., coords. – *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira). Trabalhos Arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL*. Lisboa: EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres SA, pp. 29-54.
- Sepúlveda, E.; Sousa, E.; Faria, J. C.; Ferreira, M. (2001) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 2: 'cerâmicas de verniz negro' e cinzentas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV. 19, pp. 199-234.
- Serra, M. (2021) – Uma moeda de *Caetra* em Serpa. *Al-madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 24-2, pp. 159-161. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/almadan/docs/ao24_2).
- Serrão, E. C. (1994) – *Carta Arqueológica do Concelho de Sesimbra. Do Vilafranquiano Médio até 1200 d.C.* Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, pp. 33-36, 46-48, 54, 60, 71-72, 80, 83.
- Shaw, I.; Bloxam, E.; Haldal, T.; Storemyr, P. (2010) – Quarrying and landscape at Gebel el-Asr in the Old and Middle Kingdoms. Recent Discoveries and Latest Researches in Egyptology. In Raffaele, F.; Nuzzolo, M.; Incordino, I., eds. – *Recent Discoveries and Latest Researches in Egyptology: Proceedings of the First Neapolitan Congress of Egyptology. Naples, June 18th-20th 2008*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, pp. 293-312.
- Silva, A. A. (1891) – *Estado actual das pescas em Portugal compreendendo a pesca marítima, fluvial e lacustre em todo o continente do reino, referido ao anno de 1886*. Lisboa: Ministério da Marinha e Ultramar.
- Silva, A. R. (2012) – A villa romana de Frielas. In Pimenta, J., coord. – *Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 88-102.
- Silva, A. R.; Santos, S. P. (2007) – Villa romana e assentamento proto-histórico (Unhos, Loures). *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 15, pp. 161-163.
- Silva, A. R. P. (1988) – A Paleobotânica na Arqueologia portuguesa: resultados desde 1931 a 1987. In Queiroga, F. M. V. R.; Sousa, I. M. A. R.; Oliveira, C. M., eds. – *Paleoecologia e Arqueologia. Actas do Encontro "Paleoecologia e Arqueologia"*. Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, pp 5-36.
- Silva, B. (2007) – *A implantação romana nas Almoínhas (Loures). Forno 3: contribuições para a compreensão da produção oleira romana*. Relatório final para a obtenção da licenciatura em História, variante de arqueologia. Lisboa: FCSH / UNL [Policopiado].
- Silva, C. (2018) – *O forno Romano da Estrada do Paço do Lumiar* [Consult. em 8/01/2021]. Disponível em WWW: (URL: <https://toponimialisboa.wordpress.com/2019/03/01/o-forno-ceramico-da-estrada-do-paco-do-lumiar/>).
- Silva, C. M. da (2019) – Geodiversity and sense of place: Local identity geological elements in Portuguese municipal heraldry. *Geoheritage*. Springer-Verlag. 11 (3), pp. 949-960.
- Silva, C. T.; Coelho-Soares, A. (1987) – Escavações arqueológicas no Creiro (Arrábida): campanha de 1987. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS). 8, pp. 221-237.
- Silva, C. T.; Soares, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*

- (Coleção Parques Naturais; 15). Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação de Natureza, pp. 153-203.
- Silva, C. T.; Soares, J. (1993) – *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- Silva, C. T.; Soares, J. (2012) – Castro de Chibanes (Palmela). Do III milénio ao século I a.C. In Fernandes, I. C. F.; Santos, M. T., coords. – *Palmela arqueológica no contexto da região interestuarina Sado-Tejo*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, pp. 67-87.
- Silva, C. T.; Soares, J.; Duarte, S.; Pereira, T. R.; Coelho-Soares, A.; Soria, V. (2019) – Castro de Chibanes (Palmela). Trabalhos arqueológicos de 2012 a 2017. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS). 18, pp. 215-246.
- Silva, J. D’O. L. (1985) – *Anais da Vila da Ericeira*. Mafra: Câmara Municipal.
- Silva, R. B. (2005) – As “*marcas de oleiro*” em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.). Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arqueologia (Especialização em Arqueologia Urbana). Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Braga [Policopiado].
- Silva, R. B. (2012) – As «*Marcas de Oleiro*» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa [Policopiado]. Disponível no Repositório da Universidade Nova (RUN) em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10362/9472>).
- Silva, R. B. (2015a) – La facies cerámica de Olisipo (Lisboa) en el periodo julio-claudio: una primera aproximación a partir de contextos suburbanos seleccionados In Ruiz Montes, P.; Peinado Espinosa, M. V.; Fernández García, M. I., eds. – *Estudios para la configuración de las facies cerámicas altoimperiales en el Sur de la Península Ibérica* (RLAMP; 11) Oxford: Archaeopress, pp. 3-31.
- Silva, R. B. (2015b) – O contexto alto-imperial da Rua dos Remédios (Alfama, Santa Maria Maior, Lisboa): vidros, cerâmicas e análise contextual. In Quaresma, J. C.; Marques, J. A., coords. – *Contextos Estratigráficos na Lusitânia (do Alto Império à Antiguidade Tardia)* (Monografias AAP; 1). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), pp. 41-67.
- Silva, R. B. (2015c) – Um almofariz itálico com “marca de oleiro” de M. Cimónius Saturninus, de Lisboa. *Estudos e relatórios de Arqueologia Tagana*. Lisboa: [s.n.]. 5, pp. 1-12.
- Silva, R. B.; De Man, A. (2015) – Palácio dos Condes de Penafiel: a significant late antique context from Lisbon. In Gonçalves, M. J.; Gómez Martínez, S., eds. – *Proceedings of 10th International Congress on Medieval Pottery in the Mediterranean (Silves – Mértola, 22-27 October 2012)*. Silves: Câmara Municipal de Silves / Campo Arqueológico de Mértola, pp. 455-460.
- Silvino, T.; Bonnet, Ch.; Cécillon, Ch.; Carrara, S.; Robin, L. (2011) – Les mobiliers des campagnes lyonnaises durant l’antiquité tardive: premier bilan. In Kasprzyk, M.; Kuhnle, G.; Alexandre Burgevin, A., dir. – *L’Antiquité tardive dans l’Est de la Gaule, I* (Suppl. Revue d’Archéologie de l’Est; 30). Dijon: ARTEHIS Éditions, pp. 109-172.
- Soares, J.; Silva, C. T. da; Duarte, S.; Pereira, T. R.; Soria, V. (2019) – Aspectos da presença militar romano-republicana no castro de Chibanes (Palmela). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 22, pp. 79-93.
- Soria, V. (2014) – A cerâmica de mesa de pasta cinzenta que imita protótipos itálicos tardo republicanos/proto-imperiais, proveniente da Alcáçova de Santarém. In Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M. J., eds. – *Actas del II Congreso Internacional da SECAH – Ex Officina Hispania: As produções cerâmicas de imitação na Hispania. Braga, 3-6 de Abril de 2013* (Monografias Ex Officina Hispania; 2-II). Madrid: Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH), pp. 75-84.
- Sousa, A. C. (2007) – Novas incorporações de velhas recolhidas. Fragmentos reencontrados da (Pré) História do Penedo do Lexim. *Boletim Cultural’ 2006*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 287-333.
- Sousa, A. C. (2008) – Arqueologia na A21. Uma análise preliminar dos trabalhos arqueológicos 2004-2007. *Boletim Cultural’ 2007*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 411-497.
- Sousa, A. C.; Madeira, A. P.; Sousa, E. (2004) – O sítio Tardo – romano / Alto Medieval de Cabeço dos Palheiros (Igreja Nova, mafra). Notícia da intervenção arqueológica de emergência. *Boletim Cultural’ 2003*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 221-267.
- Sousa, A. C.; Miranda, M. (2002) – Do adro da igreja à Junta de Freguesia de Cheleiros. História de uma intervenção arqueológica de emergência. *Boletim Cultural’ 2001*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 283-332.
- Sousa, A. C.; Sousa, E.; Pereira, C. (2005) – *Casal Cordeiro – 2005*. Relatório final. Arquivo da Câmara Municipal de Mafra [Policopiado].
- Sousa, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo* (Estudos e Memórias; 7). Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ).
- Sousa, E.; Pimenta, J. (2014) – A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M., eds. – *As Produções cerâmicas de Imitação na Hispânia. Actas do II Congresso Internacional de la SECAH – Ex Officina Hispania. Braga, de 3 a 6 de Abril de 2013* (Monografias Ex Officina Hispania; II). Porto / Madrid: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) / Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH). Tomo I, pp. 303-316.

- Sousa, E. M.; Sepúlveda, E. (1999) – Artefactos romanos de seis estações arqueológicas do concelho de Mafra. *Boletim Cultural* 98. Mafra: Câmara Municipal, pp. 35-68.
- Sousa, J. (1789) – *Vestígios da lingua arabica em Portugal, ou lexicon etymologico das palavras, e nomes portuguezes que tem origem arabica, composto por ordem da Academia Real das Sciencia de Lisboa*. Lisboa: Officina da Academia Real das Sciencias, 160 pp.
- Sutherland, C. H. V. (1984) – *The Roman Imperial Coinage I: From 31 BC to AD 69*. London: Spink and Son Ltd.
- Tchernia, A. (1986) – *Le vin de l'Italie romaine. Essai d'histoire économique d'après les amphores*. Paris: De Boccard.
- Teixeira, C.; Gonçalves, F. (1980) – *Introdução à Geologia de Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Teixeira de Carvalho, J. M. (1920) – *Recordações de Jacome Ratton. Sobre ocorrências do seu tempo, de Maio de 1747 a Setembro de 1810*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Torres, M. A. (1861) – *Descrição histórica e económica da villa e termo de Torres-Vedras: parte histórica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 2.^a edição.
- Tovar, J. (2012) – Las cerámicas de imitación de sigillata en el occidente de la Península Ibérica durante el siglo V d.C. In Bernal Casasola, D.; Ribera y Lacomba, A., eds. – *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones Regionales*. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 97-129.
- Trindade, J.; Pereira, A. R.; Metrogos, R. (2006) – Aquisição de dados sobre a dinâmica de praias em diversas escalas temporais. Exemplos no litoral da Estremadura. *Geomorfologia, Ciência e Sociedade*. Coimbra: Associação Portuguesa de Geomorfólogos. III, pp. 85-91.
- Tristão, P. (1998) – Vai ficar bonito. *Costa do Sol Jornal*. Cascais, 29/12/98.
- Turcan, J. (1935) – *Defesa e Enxugo dos Campos de Loures. Parte descritiva (Estudos e Projectos)*. Lisboa: Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola do Ministério das Obras Públicas e Comunicações [Policopiado].
- Valdez, J. J. A. (1897) – *Algumas notícias para a descrição histórica dos logares de Alcainça, Malveira e Carrasqueira do concelho de Mafra*. Lisboa: Typographia do Jornal – Dia.
- Vale, A. P.; Monteiro, J. L.; Sabrosa, A. (1999) – *Complexo mineiro de Vale de Gatos (Cruz de Pau): relatório dos trabalhos arqueológicos* [Policopiado].
- Vale, A. P.; Sabrosa, A. (1998) – Galerias em Coína. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.^a série. 7, p. 10.
- Valenzuela-Lamas, S. (2014) – Mammal remains from the Governor's House (Belém Tower, Lisbon) and Rua dos Correeiros (Baixa, Lisbon) in the context of fish processing factories in Lusitania. In Detry, C.; Dias, R., eds. – *Proceedings of the First Zooarchaeology Conference in Portugal*. Oxford: Archaeopress, pp. 57-68.
- Van Neer, W.; Ervynck, A.; Monsieur, P. (2010) – Fish bones and amphorae: evidence for the production and consumption of salted fish products outside the Mediterranean region. *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press. 23, pp. 161-195.
- Vandelli, A. A. (1831) – Additamentos ou notas á Memoria Gnostica, ou golpe de vista do perfil das estratificações das diferentes rochas que compõem os terrenos desde a Serra de Cintra até á da Arrábida. *Memórias da Real Academia das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Typografia da Academia. 11, pp. 281-306.
- Vargas, J. M. (1999) – O património das Ordens Militares em Lisboa, Sintra e Torres Vedras, segundo uma inquirição do reinado de D. Afonso II. In Fernandes, I. C. F., coord. – *Ordens militares: guerra, religião, poder e cultura. Actas do III Encontro sobre Ordens Militares. Palmela. 22 a 25 de Janeiro de 1998* (Actas & Colóquios; 17). Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela. 2, pp. 106-129.
- Vasconcelos, J. L. de (1927) – *De terra em terra. Excursões arqueológico-etnográficas através de Portugal (Norte, Centro e Sul)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2 vols.
- Veiga, E. da (1879) – *Antiguidades de Mafra*. Mafra: Mar de Letras.
- Viegas, C. (2003) – *Terra sigillata da Alcáçova de Santarém – Economia, comércio e cerâmica* (Trabalhos de Arqueologia; 26). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Vieira, V. A. C. N. (2011) – *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa): Contributo para o conhecimento de Olisipo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa [Policopiado].
- Weber, M. (1982) – *La Ville*. Paris: Aubier.
- Wheeler, A.; Jones, A. (1989) – *Fishes*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wrench, L. (2018) – Pavimentos musivos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS). 17, pp. 99-105.
- Yu, H.; Jamieson, A.; Hulme-Beaman, A.; Conroy, C. J.; Knight, B.; Speller, C.; Al-Jarah, H.; Eager, H.; Trinks, A.; Adikari, G.; Baron, H.; Böhlendorf-Arslan, B.; Bohingamuwa, W.; Crowther, A.; Cucchi, T.; Esser, K.; Fleisher, J.; Gidney, L.; Gladilina, E.; Gol'din, P.; Goodman, S. M.; Hamilton-Dyer, S.; Helm, R.; Hillman, C.; Kallala, N.; Kivikero, H.; Kovács, Z.; Kunst, G. K.; Kysely, R.; Linderholm, A.; Maraoui-Telmini, B.; Morales-Muñiz, A.; Nabais, M.; O'Connor, T.; Oueslati, T.; Quintana Morales, E. M.; Pasda, K.; Perera, J.; Perera, N.; Radbauer, S.; Ramon, J.; Rannamäe, E.; Sanmartí Grego, J.; Treasure, E.; Valenzuela-Lamas, S.; Van der Jagt, I.; Van Neer, W.; Vigne, J.-D.; Walker, T.; Wynne-Jones, S.; Zeiler, J.; Dobney, K.; Boivin, N.; Searle, J. B.; Kyoram, B. K.; Krausel, J.; Larson, G.; Orton, D. C. (2021) – Palaeogenomic

analysis of black rat (*Rattus rattus*) reveals multiple European introductions associated with human economic history. *bioRxiv*. Laurel Hollow, Nova Iorque: Cold Spring Harbor Laboratory. Disponível em WWW: (URL: <https://doi.org/10.1101/2021.04.14.439553>).

Zbyszewski, G. (1955) – *Carta Geológica dos Arredores de Lisboa na escala 1/50 000. Notícia explicativa da folha 3, Cascais*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

Recursos eletrónicos

Amphoræ ex Hispania. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica. Disponível em WWW: (URL: <http://amphorae.icac.cat/>).

INETI – Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologia, I.P. – *Rochas Ornamentais Portuguesas. Rochas sedimentares – Lioz* [Consult. 28 novembro 2020]. Disponível em WWW: (URL: <https://rop.lneg.pt/rop/FormProduto.php>).

IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera, 2021 – *Sardinha*. Disponível em WWW: (URL: <https://www.ipma.pt/pt/pescas/recursos/sardinha/?print=true>).

Isidorus Hispalensis – *Etymologiarum Sive Originum. Isidori Hispalensis Episcopi* – a W. M. Lindsay editi apud Typographeum Clarendonianum, Oxonii, MCMXI – *Liber XVI: De Lapidibus et Metallis*. Disponível em WWW: (URL: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Isidore/16*.html).

Plinius Secundus – *Tratado de las Piedras Preciosas, y las Gemas y Joyas. Libro XXXVII de la Historia Natural de Plinio El Viejo* (tradução espanhola). Disponível em WWW: (URL: http://www.historia-del-arte-erotico.com/Plinio_el_viejo/libro37.htm).

Pomponius Mela – *De Chorographia. Liber Tertius*. Disponível em WWW: (URL: <https://www.thelatinlibrary.com/pomponius3.html>).

RAMPPA – Rede de Excelência Atlântico-Mediterrânea do Património de Pesca da Antiguidade. Disponível em WWW: (URL: <http://ramppa.uca.es/>).

Repositório Institucional da Universidade de Lisboa (FLUL). Disponível em WWW: (URL: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/52>).

Repositório Institucional da Universidade Nova de Lisboa (FCSH). Disponível em WWW: (URL: <https://run.unl.pt/>).

Vias Romanas de Portugal – Itinerários Romanos [consultado em 21/11/2020]. Disponível em WWW: (URL: Itinerários das Vias Romanas em Portugal).

Wikipédia – *Rio Trancão* [consultado em 27/11/2020]. Disponível em WWW: (URL: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Tranc%C3%A3o).

Lista de Autores

AMÍLCAR GUERRA

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Centro de História da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
aguerra@campus.ul.pt

ANA BEATRIZ SANTOS

Arqueóloga – Profissional Independente
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
asantos5@campus.ul.pt

ANA CATARINA SOUSA

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
sousa@campus.ul.pt

ANA CRISTINA FARINHA

Unidade de Património e Museologia | Divisão de Cultura | Departamento de Cultura, Educação e Juventude | Câmara Municipal de Loures
cristina_oliveira@cm-loures.pt

ANDREIA CONCEIÇÃO

Museu Marítimo de Sesimbra | Câmara Municipal de Sesimbra
Andreia.Conceicao@cm-sesimbra.pt

ANTÓNIO FIALHO

Núcleo de Património Histórico e Cultural | Divisão de Arquivos, Bibliotecas e Património Histórico | Câmara Municipal de Cascais
antonio.fialho@cm-cascais.pt

ANTÓNIO GONZALEZ

ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora
ARHA – Associação Regional de História e Arqueologia
antonio_guilherme10@hotmail.com

ARTUR ROCHA

Arqueólogo – Profissional Independente
artur.j.rocha@gmail.com

CARLOS COSTA

Amphora – Arqueologia, Ld.^a
eri.carlos.costa@gmail.com

CARLOS FABIÃO

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
cfabiao@campus.ul.pt

CARLOS MARQUES DA SILVA

Instituto Dom Luiz | Departamento de Geologia | Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
cmsilva@fc.ul.pt

CARLOS PEREIRA

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
carlos_samuel_pereira@hotmail.com

CAROLINA GRILLO

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
ramosgrilo.carolina@gmail.com

CATARINA VIEGAS

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
c.viegas@letras.ulisboa.pt

CÉZER SANTOS

Gabinete de Projetos de Património – Ecomuseu Municipal do Seixal | Câmara Municipal do Seixal
cezer.santos@cm-seixal.pt

CLEIA DETRY

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
cdetry@gmail.com

CRISTINA NOZES

CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa | Departamento de Património Cultural | Direção Municipal da Cultura | Câmara Municipal de Lisboa
cristina.nozes@cm-lisboa.pt

EVA LEITÃO

CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa | Departamento de Património Cultural | Direção Municipal da Cultura | Câmara Municipal de Lisboa
eva.leitao@cm-lisboa.pt

GISELA ENCARNÇÃO

Museu Municipal de Arqueologia | Divisão de Intervenção Cultural | Departamento de Educação e Desenvolvimento Social | Câmara Municipal da Amadora
museu.arqueologia@cm-amadora.pt

GRAÇA CRAVINHO

ARTIS – Instituto de História da Arte | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
graca.silvester@gmail.com

Lista de Autores (cont.)

GUILHERME CARDOSO

CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa |
Departamento de Património Cultural | Direção
Municipal da Cultura | Câmara Municipal de Lisboa
guilherme.cardoso@cm-lisboa.pt

ISABEL CRISTINA F. FERNANDES

Museu Municipal de Palmela | Divisão de Bibliotecas e
Património Cultural | Câmara Municipal de Palmela
IEM – Instituto de Estudos Medievais |
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa
CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História,
Culturas e Sociedades | Universidade de Évora
ifernandes@cm-palmela.pt

JOÃO PIMENTA

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de
Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
joao.marques@cm-vfxira.pt

JORGE RAPOSO

Gabinete de Projetos de Património – Ecomuseu
Municipal do Seixal | Câmara Municipal do Seixal
Centro de Arqueologia de Almada
jorge.raposo@cm-seixal.pt

JOSÉ CARLOS QUARESMA

CHAM – Centro de Humanidades |
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa
josecarlosquaresma@gmail.com

LUIS FERREIRA

Unidade Técnica de Estudos e Candidaturas
| Câmara Municipal de Sesimbra
ARTIS – Instituto de História da Arte | Faculdade
de Letras da Universidade de Lisboa
luis.ferreira@cm-sesimbra.pt

LUÍSA BATALHA

Arqueóloga – Profissional Independente
batalhaluisa5@gmail.com

MARTA MIRANDA

Área de Arqueologia | Camara Municipal de Mafra
arqueopedagogia@cm-mafra.pt

MICHELLE TEIXEIRA SANTOS

Museu Municipal de Palmela | Divisão de Bibliotecas
e Património Cultural | Câmara Municipal de Palmela
mtsantos@cm-palmela.pt

MIGUEL CORREIA

Museu Municipal de Palmela | Divisão de Bibliotecas e
Património Cultural | Câmara Municipal de Palmela
Câmara Municipal de Alcochete
mfcorreia@cm-palmela.pt

NOÉ CONEJO DELGADO

Departamento de Prehistoria y Arqueologia
| Universidad de Sevilla
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de
Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
nconejo@us.es
ccvdenoe@hotmail.com

RUI ALMEIDA

UNIARQ-Centro de Arqueologia da Universidade de
Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Museu Municipal de Loulé | Câmara
Municipal de Loulé
rui.dealmeida@gmail.com

SEVERINO RODRIGUES

Núcleo de Património Histórico e Cultural |
Divisão de Arquivos, Bibliotecas e Património
Histórico | Câmara Municipal de Cascais
severino.rodrigues@cm-cascais.pt

SÓNIA GABRIEL

Laboratório de Arqueociências – Direção
Geral do Património Cultural
CIBIO-InBIO – Centro de Investigação
em Biodiversidade e Recursos Genéticos
| Universidade do Porto
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de
Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
sgabriel@dgpc.pt

VANESSA DIAS

Museu Municipal de Arqueologia | Divisão
de Intervenção Cultural | Departamento
de Educação e Desenvolvimento Social
| Câmara Municipal da Amadora
museu.arqueologia@cm-amadora.pt

VICTOR FILIPE

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de
Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
victor.filipe7@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA

João Diogo Santos Moura

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

Manuel Veiga

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA

Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

António Marques

COORDENAÇÃO GERAL

Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO

Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML

António Marques – CAL/DPC/DMC/CML

Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML

Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO

ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património L.d.a; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Câmara Municipal de Almada; Câmara Municipal

da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia L.d.a; Eon – Indústrias Criativas L.d.a; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark / Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau | Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo / Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro / Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (NARC) / Fundação Millennium BCP; Neóepica – Arqueologia e Património L.d.a; The 7 Hotel

(Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos L.d.a; Egas Moniz – Cooperativa de Ensino Superior / Instituto Universitário Egas Moniz / Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIEM); Universidade de Aveiro – Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra / Faculdade de Letras / Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa / Faculdade de Arquitetura / Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa / Faculdade de Ciências / Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa / Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCS); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.

Livro

TÍTULO

Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*: A cidade produtora (e consumidora).

COORDENAÇÃO DO VOLUME

Carlos Fabião – UNIARQ / FLUL

Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML

Guilherme Cardoso – CAL / CDP / DMC / CML

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA

Amílcar Guerra

Ana Beatriz Santos

Ana Catarina Sousa

Ana Cristina Farinha

Andreia Conceição

António Fialho

António Gonzalez

Artur Rocha

Carlos Costa

Carlos Fabião

Carlos Marques da Silva

Carlos Pereira

Carolina Grilo

Catarina Viegas

Cêzer Santos

Cleia Detry

Cristina Nozes

Eva Leitão

Gisela Encarnação

Graça Cravinho

Guilherme Cardoso

Isabel Cristina F. Fernandes

João Pimenta

Jorge Raposo

José Carlos Quaresma

Luís Ferreira

Luísa Batalha

Marta Miranda

Michelle Teixeira Santos

Miguel Correia

Noé Conejo Delgado

Rui Almeida

Severino Rodrigues

Sónia Gabriel

Vanessa Dias

Victor Filipe

REVISÃO DE TEXTOS

Carlos Fabião – UNIARQ / FLUL

Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML

Inês Viegas – DPC / DMC / CML

Vasco Leitão – CAL / DPC / DMC / CML

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

Inês Morais Viegas (coord.) – DPC / DMC / CML

Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML

Vasco Leitão – CAL / DPC / DMC / CML

© Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos de cada volume e editora Caleidoscópio.

DESIGN GRÁFICO

José Ribeiro

DESENHOS DE CAPA

Reconstituição hipotética do conjunto de unidades de preparados de peixe do NARC (© Clementino Amaro / António José Cruz | IPPAR, atual DGPC). Principais tipos anfóricos representados em Olisipo (© Victor Filipe).

ISBN

978-989-658-722-2

DATA DE EDIÇÃO

11.2021

DEPÓSITO LEGAL

463308/19

TIRAGEM

1.500 exemplares

EDIÇÃO

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CALEIDOSCÓPIO – EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA

Telef.: (+351) 21 981 79 60

Fax: (+351) 21 981 79 55

caleidoscopio@caleidoscopio.pt

www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO

lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK:

<https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/>

INSTAGRAM

<https://instagram.com/lisboaromana>

TWITTER

<https://twitter.com/LisboaRomana>